

A LITERATURA (CULTURA) TRADICIONAL e o Desenvolvimento e a urgente criação de um INSTITUTO ALENTEJANO DE CULTU- RA /DESENVOLVIMENTO

*JOSÉ RABAÇA GASPAR **

0.- UMA INTRODUÇÃO AO TEMA

A explicação de um título que se pode completar assim: A Literatura (Cultura) Tradicional é, tem de ser, a base, raiz e condição de um desejável, correcto e eficiente DESENVOLVIMENTO. Para que isso aconteça, e para que, através das variadas e múltiplas manifestações da CULTURA, se possa conhecer profunda e verdadeiramente um povo e/ou uma Região, é urgente (já tardia) a criação de um INSTITUTO ALENTEJANO de CULTURA / DESENVOLVIMENTO que, ao mesmo tempo que recolhe, estuda e divulga essas diversificadas manifestações, as anima, dinamiza e apoia, e, ainda ao mesmo tempo, fornece os dados a todos os agentes do DESENVOLVIMENTO dando-lhe os elementos necessários para que o DESENVOLVIMENTO não agrida a IDENTIDADE e AUTENTICIDADE de um Povo e/ou de uma REGIÃO e não se caia na desastrosa corrida ao desenvolvimento copiando o estranho, o estrangeiro, aquilo que agride, que mata a identidade, as características e autenticidade de um Povo / Região...

* Docente na Escola EB 2,3 de Santa Maria - Beja

0.1 - A MINHA FALTA DE AUTORIDADE.

Que autoridade tenho para falar disto? Nenhuma. Não sou alentejano, não tenho credenciais. Sou professor da Língua e Literatura Portuguesa, aqui, desde 1980. Para além da formação académica e profissional que trazia e que me permitiu a colocação aqui, desde o início, a minha preocupação foi respeitar as raízes dos alunos com quem me era dado trabalhar. Creio que tenho muitas centenas ou milhares de alunos que o podem testemunhar. Todos os temas que devemos tratar, sempre procurei que fossem enraizados e a partir da cultura e conhecimentos em presença. Não se arrancam as raízes das árvores para que produzam frutos melhores. acarinham-se, tratam-se e se for preciso, enxertam-se. assim a LÍNGUA e a LITERATURA.

Tudo nasce da terra como a água, as árvores, as plantas e as ervas... como as árvores que nos dão os frutos com os seus variados sabores, como as plantas e as flores que nos inebriam de mil cheiros e cores... como as searas que nos dão o pão que nos alimenta...

Assim a cultura.

Está em jogo a nossa identidade cultural e a nossa autenticidade como indivíduos - livres e criadores - e como pessoas integradas numa comunidade, numa sociedade...

As nossas vivas raízes são a garantia do nosso são e correcto desenvolvimento.

Podíamos comentar aqui o "erro de descartes" denunciado recentemente por Damásio que propõe, em vez do famoso "penso, logo existo" - "existo e sinto, logo penso". ainda não li o livro, mas é evidente que é preciso completar o título de Damásio. existo e sinto, logo penso, logo falo (comunico...), logo actuo e intervenho... e, só a partir das expressões, nós podemos observar, analisar e saber o que as pessoas pensam, o que sentem e como vivem... o que são,

E os criadores de criadores têm, por isso, uma responsabilidade acrescida.

0.2- A AUTORIDADE DOS TRABALHOS, QUE NÃO VALE...

Donde a autoridade do tema?

Uma vez demonstrada a minha incompetência para falar deste assunto, onde o fundamento do tema?

Desde 1980, aqui no Alentejo, e desde que entrei na vida activa em 1961, sempre acreditei que continua a ser verdade o aforismo discutidíssimo de Chesterton: "O mais importante, para ensinar o latim ao João, é conhecer o João". É evidente que é preciso saber o Latim. Não chega, nem é o fundamento, por mais iluminados que nos venham dizer o contrário.

Em 1983/84 - com os cursos nocturnos, fizemos numa Escola a festa da Poesia, Música e Movimento, para, no final do ano, mostrar a ligação entre a Cultura Tradicional/ Popular e a Erudita, que desenvolvemos durante todo/s o/s ano/s lectivo/s. A Cultura é ou não é CULTURA.

Em 1985, foi, este mesmo, o tema da minha Comunicação no 1º Congresso sobre o Alentejo, Évora, Outubro. (Vide Actas do Congresso).

Em 1985/86, por trabalhar na Esc. MP de Beja percorri todo o Distrito, apelando a todos os professores para a importância de estarem atentos e recolherem as falas e tradições locais...

Durante a Profissionalização em exercício, foi este o tema que propus à ESE e à Universidade Aberta.

Em finais de 1986, princípios de 1987, tentámos com Profs. da univ. de Évora, organizar a estrutura base deste Instituto.

Em 1987, organizei toda a estrutura do livro publicado pela CM Beja "Poetas Populares do Concelho de Beja" com uma nota introdutória sobre o assunto e um esboço para o estudo das Décimas no final.

Em 1989 as Lendas de Beja.

Em 1993/94 foi o tema que desenvolvi na Licença Sabática.

Em 1994, dois artigos no Jornal Terras do Cante, Nº 1 e 2, Abril e Maio.

Em 1994, meados, As Lendas de Moura.

Em 1994/95, 15/05/95, foi este o tema do trabalho que apresentei como provas de acesso ao 8º Escalão. (Só isto, para não falar de iniciativas e trabalhos menores).

(Vide ponto 8, lista de trabalhos desenvolvidos).

Se não tenho autoridade sobre o tema, porque nunca ninguém, sobretudo do ME, ligou alguma importância ou deu qualquer valor, porque trabalho e porque venho aqui dizer que é urgente, é importante, é inadiável... e como é algo de fundamental, é vergonhoso que o ME, a Escola em geral, as Escolas, não estejam despertas, atentas, motivadas para este problema, não de uma maneira pontual e ocasional, mas, como é próprio de instituições competentes que exigem e avaliam competências, de um modo sistemático, profundo, sério e em reciclagem constante.

"A desgraça de um povo é a Escola saber de uma maneira e ele de outra." M. Torga.

0.3- A AUTORIDADE DOS MESTRES.

Algumas citações que julgo serem de uma autoridade acima da média.

0.3.1- Manuel Joaquim Delgado in "A ETNOGRAFIA E FOLCLORE - BAIXO ALENTEJO", 1ª ed. 1957/58, como separata da Revista "Ocidente", 2ª Ed. da Assembleia distrital de Beja, 1985, cito apenas, da p.17: "Necessidade da criação de uma cadeira de folclore nas Escolas do Magistério Primário, dado o valor Cultural e formativo que esse ramo do saber humano pode e deve desempenhar nas Escolas Primárias."

Passemos de 1957 para 1995 e podemos ver a quem e onde se deve aplicar esta sugestão que devia ser um imperativo.

0.3.2-De José Leite de Vasconcelos, in "ETNOGRAFIA PORTUGUESA - Tentame de Sistematização" - vol. I, p. 328, 343, ed. da Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1980 (em 1985 já estava publicado o VII vol.), vou fazer algumas citações e um apanhado do que me parece mais gritante e era urgente fazer na 2ª

metade do séc.XIX e na 1ª do século XX. (07/07/1859 - 17/05/1941) (Em 41, com 82 anos ainda escreve o prefácio do III vol. do Cancioneiro).

O essencial do que vou transcrever, já o mestre o tinha escrito 1882 e 1919. (Perante o que ele afirma, quem sou eu para me queixar pelo facto de o ME e as Entidades ditas responsáveis não me ouvirem a mim?)

0.3.2.1 - As bases teóricas - A necessidade / imperativo de estudar as manifestações de um Povo nasce da "máxima antiga: "γνωθι σαυτον", isto é, "nosce te ipsum" - conhece-te a ti próprio. Se isto é importante como base para todo o desenvolvimento individual, "maior aplicação tem" no que diz respeito "a um Povo, olhando no seu conjunto: apreciar como ele interpreta a Natureza que o rodeia, qual a vivacidade ou torpor do seu engenho, a feição e grau de vitalidade da sua literatura, arte e indústria tradicionais, as suas aptidões, génio, tendências religiosas, manifestações psíquicas espontâneas, como julga os povos que o convivem, ou como se considera a si próprio com relação aos outros; o que são para ele a família e a sociedade; como é que ama, e como é que odeia." ... Tudo isto é fundamental para quem tenha de, verdadeiramente, penetrar no espírito das sociedades. através do vocabulário usual, relatos do quotidiano, como reflexo da vida normal, podem conhecer-se as pessoas... Aí têm de ir a Etnografia e a Filologia de mãos dadas.

Para analisar uma obra de Literatura é preciso conhecer o seu contexto histórico. O mesmo se tem de dizer, se se trata de escultura, pintura, gravura, cerâmica... Aí, para muitos casos temos de recorrer à Arqueologia... à Antropologia.

"...o moderno literato, o artista, o industrial... na execução dos seus trabalhos...(têm de recorrer) a este manancial inesgotável de informações." "A linguagem vulgar,,, adágios, cantigas, e várias rimas e fórmulas:..."

"Pela análise *folklórica* ficamos sabendo muitos dos hábitos dos nossos antepassados, muito do que eles pensaram e sentiram."

"Da comparação do que se observa em um local com o que se observa noutra, e do que existe agora com o que existiu d'antes, chegamos a inferir que certos usos, crêndices e ditos que se julgam próprios de uma terra, existem longe

dela, e, ou foram transmitidas de pais a filhos, ou provêm de concepções fundamentais da alma humana, que na sua essência é una.”

Há um leque imenso de manifestações a estudar “considerando factos avulsos, ou ordenando-os em grupos como os romances, as danças, as festas populares relacionadas com os mitos da Natureza (cepos do Natal, fogueiras de S. João, serração da Velha, Maias), os costumes anexos à trilogia da vida, o nascimento, casamento e morte, as superstições do Lobisomem, do mau olhado, dos dias aziagos, as lendas dos sinos, as facécias que podemos denominar *Boeótica*, (de boémia?) os ensalmos e outras espécies de literatura popular, a arte rústica, os trajos, os tipos de casas e as formas de mobília, as variedades de comidas, os modos de transporte... Quantas surpresas históricas e psicológicas não encontraríamos no nosso caminho?” Ainda “...os remédios... feitiços... as crenças e costumes... as superstições... o crédito dado aos sonhos que é universal...” tudo isto fornecerá matéria para estudo se se quer conhecer realmente alguém e sobretudo um povo ou uma Região.

0.3.2.2- as possíveis aplicações práticas - Qual o valor prático destes estudos?

“Se por ela apreciamos a vida de um Povo, no que tem mais íntimo, os seus caracteres intelectuais, os seus hábitos, as suas aptidões, ficam habilitados o sociólogo, o legislador e o político para lhe aproveitarem as virtudes, combatem os defeitos e enfim dirigirem e educarem, e não contrariarem tendências naturais que sejam úteis.”

Já é longa a transcrição. Seria preciso ler os VII enormes volumes deste Mestre. Mas há apelos ainda mais directos no que se refere à Escola a que este trabalho se destina.

“As crianças, ao irem para as escolas, levam já consigo copioso pecúlio tradicional, que obtiveram das mães e do contacto com o povo, porque o que se aprende na merinice, raro esquece...” “Fará excelente obra o mestre-escola que seleccione esse pecúlio, o regule e complete, aplicando-o ao desenvolvimento psíquico e físico dos seus alunos, que ao mesmo tempo aí encontrarão grande prazer; ...” Depois dá sugestões muito concretas. com as adivinhas “esperta-se a atenção e o acume intelectual... com cantigas “promove-se o gosto literário”...

com contos e romances "abre-se a memória e activa-se a imaginação"... com os provérbios... com os jogos... com lendas e xácaras...

Cita ainda o mestre que muitos que foram bons governantes, foram-no sem dúvida resultado "da experiência que tinham da terra, do conhecimento dos homens d'ella". Por se não conhecerem os povos, quantos guerras e crises se provocaram?

"Diante dos aumentos da civilização que se alastra pelas múltiplas camadas sociais, e que portanto destrói mais ou menos as tradições, sobretudo aquelas que estão em contraste com ela, importa indagar com urgência as que ainda restam, para que em breve não fiquemos privados das vantagens que o estudo da Etn. nos proporciona. e não me refiro só a tradições orais e actos, refiro-me também a objectos,... **Acudamos a tudo enquanto é tempo!**"

"Empenhemo-nos por isso na investigação das tradições populares; façamos reviver ou conservemos as que forem úteis; rejeitemos ou substituamos as que forem más; e **em todo o caso, estudemos tudo,...**"

A quantidade de trabalhos e iniciativas que é preciso desenvolver, são imensas. (Vide ponto 5).

Interessante é, no final, ao citar o que se faz em França, menciona o "*diner de ma mère l'oye*" que congrega, de tempos a tempos, especialistas e amigos da tradições, que aproveitam o ensejo para estreitarem afectos, darem informações de costumes, promoverem novas pesquisas."

0.3.3- Muitas outras e notáveis autoridades - Desisto de fazer mais citações. Tudo o que Teófilo Braga e já antes Garrett e Herculano e agora nos dizem desde Orlando Ribeiro a Giacometti a F. Lopes Graça... tudo parece estar aqui sintetizado. para completar, está a BIBLIOGRAFIA no final, comentada, onde não fiz separação do que é especialmente do Alentejo e da geral. Falta a Bibliografia das outras Ciências complementares que aqui omiti por ser excessivo, mas faz parte dos meus diversos trabalhos.

Se não servir para mais nada de interesse e educativo que esta intervenção sirva, ao menos, para de vez em quando se organizar «uma jornada / convívio, em CASA DA BIA SÃO» onde os poetas, os cantadores e contadores de

histórias se juntem, e se regalem com comes e bebes e aí possam falar do que vão fazendo e se desafiem a continuar mesmo perante a indiferença, a arrogância e o desprezo que o ME, e a Escola em geral dão a estes assuntos vitais.

Desculpem, pensei que estava na minha Sterra. "Quanto mais conhecemos e respeitamos a nossa própria Cultura, mais admiramos e respeitamos A dos outros."

A jornada / convívio que eu quero propor é, de vez em quando, pelo menos uma vez em cada século, organizemos *uma JORNADA CONVÍVIO, no CANTO DO CANTE, para o ENCONTRO da POESIA, das LENDAS e dos CONTOS de enCANTAR... Onde? Quando?*

0.4 - As presenças de poetas populares e alentejanos e os documentos de apoio.

Os poetas populares, que aceitaram e tiveram a possibilidade de estar presentes, são o Sr. Mário da Conceição, de Santa Clara do Louredo, e D. Rosa Helena, de Beringel, ambos com obras publicadas, uma com graves erros, "porque é popular!!!". Outros queriam, mas não puderam vir, nem o tempo e as circunstâncias o permitiam. A colaborar ainda, neste trabalho, a presença do Manuel Pedro e da Fátima e os apoios e incentivos do Abílio, José Orta., Piedade e João Matos. Houve ainda outros que perderam horas e tudo fizeram para ajudar e apoiar. Os meus agradecimentos, e as desculpas por não saber o seu nome.

Os documentos que apresento a título de exemplos, em 1, uma *Anedota*; em 2, *cenhas do quotidiano*; em 3, uma *Lenda*, são uma amostra / exemplos, para ver a riqueza e variantes da linguagem; em 4, uma / duas *Décimas*, é só para chamar a atenção para a originalidade desta forma de poesia, *ÚNICA NO MUNDO*, com uma estrutura e arquitectura ímpar e um gráfico para um possível esquema de leitura a apontar para a quadratura do círculo; a seguir em 5 um esquema do que poderia vir a ser um *IAC/D*, só como base, para ser completado e estruturado realisticamente pelos que o vierem a criar; em 6 e 7 dois exemplos simples do que podiam ser as *manifestações visíveis, públicas, na arquitectura e na arte*, se fossem conhecidas as *Lendas e Tradições*; sugestões que podem estender-se às calçadas da rua, ao teatro, ao artesanato (vide exemplos do Mestre Isaclino e D. Mariana), à pintura (*Paizana*), à dança... aos brinquedos... A lista de manifestações de Cultura a estudar é grande.

Tento em **ponto 8** dar notícia dos trabalhos que consegui desenvolver ao longo de 15 anos no Alentejo; juntar uma lista de aspectos a estudar; e, no fim, como é da praxe, a Bibliografia de apoio.

Como um INSTITUTO ou CENTRO DE ESTUDOS desta envergadura só será realidade se houver uma grande movimentação de indivíduos, agentes e estudiosos da Cultura, e a contribuição de numerosos e diversificados especialistas, vide **ponto 5**, se não houver uma Instituição solidamente enraizada e interessada nos problemas reais do meio social em que está inserida, é evidente que não pode ser obra de curiosos ou bem intencionados.

Sinceramente, de tudo isto, que fique ao menos a ideia do jantar /convívio para todos os que ousam apostar num **REGRESSO AO FUTURO**:

A JORNADA CONVÍVIO, na CASA da BIA SÃO, no CANTO DO CANTE, para o ENCONTRO da POESIA, das LENDAS, dos CANTOS e dos CON-TOS de enCANTAR...

Agradecimentos: Este trabalho, sobretudo a sua apresentação, no dia 02/06/95, durante as IV Jornadas da ESE/BEJA, fica a dever-se à intervenção e colaboração de muitas pessoas.

- A Comissão organizadora que me dirigiu o convite através do Dr. José Orta e Dr. João Sant'Ana de Matos com a intervenção da Eng^a Piedade Salgado; tendo encontrado da parte de todos o estímulo e meios que solicitei.

- Para apresentação, propriamente dita, foram muito oportunas e felizes as intervenções do prof. Manuel Pedro e outros colegas que tudo fizeram para conseguir uma ou duas pequenas gravações, mas vivas e sugestivas, como as que fez a Eng^a Maria de Fátima Borges.

Excepcional e de uma oportunidade rara foi a intervenção pessoal de um autor que eu só conhecia como Manuel Loendrêro, e por diligências de muitas pessoas, apareceu em cima da hora, o Eng^o Santa Maria, e nos proporcionou um momento de autêntica alentejaneidade.

A presença da D. Rosa Helena, de Beringel e do Sr. Mário da Conceição, de Santa Clara do Louredo, fica a dever-se a eles próprios e às diligências e empenho do prof. Abílio Teixeira.

O êxito desta intervenção, se o for, e se o foi, fica a dever-se a estas pessoas e outras a quem eu dirijo o muito obrigado e para quem remeto os "parabéns" que me foram endereçados.

01

UMA ANEDOTA

UM ALENTEJANO EM LISBOA com O DINHEIRO DA CORTIÇA...
(e o problema dos equívocos entre os que vivem em universos diferentes, usam linguagem diferente... "Existo, tenho emoções, logo penso..." logo falo, comunico..)

Um alentejano, que tinha vendido a sua cortiça - naquele ano a campanha até tinha corrido bem - resolve, um dia, mandar o filho depositar o dinheiro, no banco, a Lisboa.

O filho, depois de ouvir atentamente o mandado do pai, pega num taçalho de pão com linguiça, deita a golpelha ao ombro, monta-se no seu burro e, ale que se faz tarde, abala a caminho de Lisboa.

Aquilo a viagem foi um atoco, mas correu a modos...

Chegando a Lisboa! Aquilo é que era um esbarrunto... lá ficando cada vez mais encegueirado e escaramantado com toda aquela mexida!!!

Como, para dar conta do mandado, durante a viagem, lá mais para o fim, por vezes tinha passado p'ra diante às lebres, estava capaz de cuspir num empinge.

Deitou a mão à golpelha, acomodou-se ali mesmo naquela relva mesmo à beira do Marquês de Pombal e vá de lançar a naifa ao taçalho de pão e à linguiça... O Banco tinha tempo de abocanhar a dinheirama...

Entrementes, passavam por ali os ardinás a anunciar os jornais...

- Óóóólha o séclo ... - Óóóólha o séclo ... (Olha o Século!!!)

- É u diáááriu de nottíííncias... - É u diáááriu de nottíííncias... (É o Diário de Notícias!)

Ouvindo aquele estramele, o nosso homem arrebitou as orelhas, pôs-se de palanque e cheirando-lhe a esturro, amonta-se muito expedito e toca a ir a escape que isto não está para moengas... ora essa!

Chega a casa sem mais enleios e pergunta-lhe o pai:

- Atão, filho, já fizeste o avio tã depressa?!!! Estavam os Bancos fechados?!!! No adregaste a dar cu'eles?!!!

- Cal banco, cal quê, mê paie! Atão chega um home a Lisboa, assenta-se na erva a mastigar um taroco mesmo c'ó olho no banco qu'ê ben'ó via e vá de mexida... Sem dar barrunto, aparecem ali uns uns girigotos aos saltos ... a gritar. - Ólho cerquem-no... Ólho cerquem-no... É u dinheiro da cortiça... É u dinheiro da cortiça... ê nem m'enteri lá muto bem, e antes que me deitassem as galfárrias... abali... De figos a brebas inda dava uma espreitadela a ver se me alcançavam... mas aqui 'stá o dinheirinho, pois qu'inté, aqui é qu'ele 'stá bem seguro.

-Através de uma pequena anedota, como exemplo, podemos aperceber-nos, através da LINGUAGEM, dos UNIVERSOS DIFERENTES em que as pessoas se movem...

O riso, aqui, que parece nascer de uma simples dificuldade auditiva, nasce, bem vistas as coisas, afinal, não só de um vocabulário que não faz parte do MUNDO em que se move, mas a falta desse vocabulário, ou a sua errada leitura que aqui é audição, que o não deixa perceber, e o põe em fuga, é, afinal, a falta do OBJECTO - concretamente dos JORNAIS, que provoca a hilaridade pelo seu desconcerto e inesperado...

- É da experiência comum, que as pessoas, o sujeito receptor, não ouve o que se lhe diz, aquilo que o emissor lhe quer transmitir, mas aquilo que corresponde ao seu universo de compreensão, ou aquilo que tem capacidade para compreender...

Aplicando rapidamente diversos instrumentos operatórios que nos parecem mais adequados para esta pequena NARRATIVA, desde o levantamento e confronto vocabular à breve aplicação do modelo actancial; às variadas leituras que nos pode permitir uma rápida análise estrutural.

1- Basta uma superficial observação de um breve levantamento e confronto vocabular para darmos conta de dois UNIVERSOS DIFERENTES: o do campo ALENTEJO e dos MONTES onde não chegam os jornais, e o da cidade

LISBOA, o MUNDO CIVILIZADO onde o pregão dos jornais faz parte do quotidiano rotineiro.

A falsa interpretação, leitura, audição, é o clímax da anedota que nos leva ao riso.

2- Mais uma breve aplicação do modelo actancial e vemos como o sujeito, *pai*, envia o personagem principal, o *filho*, para, segundo uma mentalidade que não é deles, colocar o dinheiro em segurança objectivo a atingir, - *num banco!!!, em Lisboa!!!* com todos os perigos e demora de uma longa viagem, de burro!!! E eis-nos já perante o desconcerto a provocar a hilaridade, sem sequer precisarmos de esperar pelo desfecho.

Assinalar como adjuvantes: o *pai do filho e o filho do pai* por se dispor a executar a sua ordem; detectar como opponentes do filho os *ardinas*, que não são oponentes, mas representam os jornais, um universo diferente, simplesmente desconhecido e não necessário para ele, transformam-se, por isso mesmo, por não se conhecer, em possíveis oponentes e até ladrões e criminosos!!! Isto, põe ainda em evidência a mentalidade desconfiada de grupos ou multidões ou povos ou religiões que se desconhecem...

O destinador, como papel de juiz ou esclarecedor, que é provocado pelo espanto do pai pela rapidez do regresso!!! e perante o espanto nos parece ser o pai que desempenha esse papel de juiz, é afinal o leitor, ouvinte, como acontece na maioria das anedotas, que dá conta do ridículo, do jogo de ironias, da incompatibilidade entre os dois mundos, duas culturas, mentalidades diferentes.

O/s destinatário/s - à partida e imediatamente, são o pai e o filho, mas como o pai e o filho nos são, desde o início, apresentados como *alentejanos*, ainda por cima com dinheiro da cortiça, que, numa leitura rápida, é um dinheiro fácil, é só deixar passar o tempo e cortar a cortiça!... Finalmente, OS DESTINADORES verdadeiros ou no pensamento do emissor, enunciador da anedota, são primeiro os *ALENTEJANOS* em geral e depois OS *NOVOS RICOS* ou ricos sem Cultura ou sem a nossa cultura.

Enfim. a partir daqui um Mundo de leituras que envolveriam desde a Psicologia, às Ciências Sociais e até a Economia e a Política... Estou a exagerar, propositadamente, para, a partir deste exemplo ver como é fundamental o estudo de contos, lendas, anedotas, relatos do quotidiano para se conhecer a menta-

lidade e a maneira de ser de um povo, de uma região, e poder intervir de um modo válido no seu desenvolvimento, respeitando a sua identidade e capacidades...

3- Uma análise estrutural como mais complexa e dispondo de outras variáveis para nos permitir uma visão mais global, podendo até englobar as anteriores, pode, por isso, permitir-nos, uma visão mais completa de todo um mundo de reflexões a que uma pequena anedota nos pode levar, podendo ensinar-nos muita coisa a aplicar por qualquer pessoa para puro recreio e divertimento, pode servir de reflexão para professores, pais e educadores, que acham que explicam tudo muito bem e são de uma indiscutível competência, mas que pode esbarrar e esbarra com um universo diferente na pessoa dos alunos, filhos educandos... e esta distração pode ter consequências desastrosas tanto na verbalização de simples ordens e directivas, como no processo ensino aprendizagem...

O estudo dos três cenários / sequências, a partida, a estada em Lisboa, a chegada; com as suas catálises, informantes e indícios (ícones, símbolos), vide cortiça/riqueza - o taçalho de pão com linguiça/ o sustento suficiente; o burro / meio de transporte eficaz; o Marquês / a grandeza ofuscante..., os arduos jornais / a cultura; a casa - o monte / a segurança; o banco / a miragem distante...

Teríamos um mundo para diversos especialistas das mais diversas áreas.

02

DUAS HISTÓRIAS DO QUOTIDIANO

(A ligação entre o Popular e o CULTO ou a irredutível oposição)

Carta de um Alentejano de Santo Aleixo da Restauração ao seu amigo Fialho d'Almeida de Vila de Frades

Mê compadre Zé Valentim:
Nô ôtro dia 'tava ê

HUMOR

MEMÓRIAS DE MANUEL LOENDRÊRO

in A PLANÍCIE, 15/02/83

Vinha ê uma vez pá vila a cavalo no burro pa fazê o avio, condo óvi atrás de mim um altemoven de esgalha bordão por a estrada adiente. Passô por mim ca força toda... Tamein si nã passassi más valia umas botas e condo começô a subiri a barrêra do ôtro lado da estrada, dê um estralo e começô às panderêtas até que se parô.

cônho de palaio, ali memo onde o barranco bate c'oa se-meada... Tava assim â modos qu'esmorraçando..

Ajêti-me dentro do gabinardo e assenti-me num marco.

Enroli um cigarro e quando ia a puxar do zarapatusco de modo a acender, di c'os olhos numa velhaca... Era um rego cheio de carne, ó cumpadre!!! Emparelhi-me cum ela, meti o ferro à cara e... Fiz-le dois fogachos... mas a mangana foi-se-me imhora mais o raio qu'a parta!!!

Texto ditado pelo professor Manuel Pedro, num café, em Beja, 1981

"olhô! - pensi eu - já está escangalhado". fui lá ó pei pa vê o que tinha acontecido. Tava o home arroda de um pineu. Pergunti-lhe donde ele era e disse quera de Lisboa.

Pá, tá tudo dito - pensi eu. Vinha-me imhora condo o vi preparado pa mudá o pineu mas volti pa trás, porque vi o baboso, que nã tinha gêto ninhum páquilo. Dexi-me do burro, desviio e comeci a mudar a roda, mas vi logo caquilo nã era só do pineu. Espoji-me no chão e espreti pa debaxo do carro pa vê o qué caquela moenga tinha e vi o enxo e a janti, tudo entrotado.

Condo ia a livantar-me vi o home mexendo num ninho d'abêsporas.

- Que bichos são estes? - perguntou eli.

- Nã mexa nisso! Nã as trilha! - Griti-lhe eu. Tá bem dexa!

Foi mêmo o quele foi fazeri. As abêsporas alivantarm voio e hôve uma que le deu uma nicada nos bêços cu fez dar um berro, ôtra foi-se ó burro. O burro assim cas viu zunindo de roda das orellhas, escarampatô-se e esgalhô fugindo por a chapada árriba. Ê rasgui fugindo atrás deli pó apanhari. Daf a podaço condo volti todo esbrazeadado, tava o ôtro cum lenço nos bêços quêxando-se.

- Vocei é mesmo enchaparrado - Disse-le: - Atã vocei na sabe que na se pode mexeri num ninho d'asbesperas? E vá lá teve sorti...

Ati o burro a uma arve e fui veri so home tinha os beços munto enchados. Hei mãe! Tava cumas beçoletas que pareciom o debrum dum penico! Atão o bocana nã queria pôr pomada naquilo?! Lá o convinci a pori lama nos bêços porque pá picada na há meliori. Condo estava cos beços enlameados, disse-le cu melhor era vir cumigo à vila à busca dum mecânico. Montô-se, em cima do burro e lá fomos. O engraçado é que condo chigámos e me desmonti, olhi pa trás e ele nã estava lá. Devi ter escorregado da albarda, porque eles sabem andari de cu tremido, mas de burro, anda cá se queres... Já no volti pa trás, porque tinha de fazê o avio à minha Bia e depois fechavam as lojas. Tóoooouu!

M.L.

Dois textos que evidentemente tentam trazer para o escrito as marcas de oralidade. Dois textos que foram escolhidos só como exemplo de outros relatos do quotidiano que tardam em aparecer numa grande obra de algum autor alentejano e a precisarem de um estudo aturado da fonética e da fonologia desta tão característica maneira de falar.

É evidente a tentativa de registar a melodia, a musicalidade solta da fala a libertar-se do empecilho da pontuação que nos aprisiona a escrita na escrita. Há um ritmo e um jogo de aliterações característicos da linguagem oral... Há um valor conotativo em expressões a desenharem um visualismo narrativo para que o ouvinte veja o que lhe é contado...

Não é por pedantismo, nem para mover uma guerra à língua padrão que, evidentemente tem de ser ensinada nas escolas e é fonte de uma comunicação mais alargada.

Mas o importante é aparecerem, registos desta linguagem livre e espontânea, para melhor se poderem estudar a maneira de ser e a mentalidade de uma região, ainda por cima com grandes variantes, bastante expressivas, e para que conhecendo melhor um Povo e uma Região, o DESENVOLVIMENTO desejável, seja devidamente enraizado e coerente.

Porque é que aqui se fala, ou falava assim. Porque é que no Algarve há um modo de falar característico, tal como no norte e nas Beiras? O que é que isso significa?

O estudo destes e doutros fenómenos e manifestações da Cultura Tradicional, têm de ser estudados por um leque tão vasto de especialistas que, só uma Escola como esta ou uma Universidade pode permitir o aparecimento de um Instituto ou Centro de Estudos, ou... que possibilite o encontro dos que dominam os vários saberes que podem ir da Linguística, à Literatura, à Antropologia, à Etnografia, à Sociologia etc., e assim se possam tirar ensinamentos que fundamentem o DESENVOLVIMENTO que corresponda ao sentir e anseios das populações e não uma cópia importada de qualquer país da Europa ou dos States!

UMA LENDA DE BEJA

(O que é TRADIÇÃO? Fidelidade à TRADIÇÃO? Estagnação? Paragem?... ou criatividade e actualização que responda aos anseios do presente e se abra para o futuro?...)

in PINTADO DE FRESCO
Biblioteca Municipal de Beja
Nº 0 Set. de 1993

O nosso Portugal é um país de lendas. Todas as terras, principalmente no sul, têm as suas lendas e Beja Também tem a sua.

A lenda tem passado de geração para geração e com certeza não deixará de ser contada.

Ela diz-nos que:

"Muito antes dos lusitanos, o local onde hoje se encontra a nobre cidade de Beja com as suas muralhas romanas, era um pequeno povo que vivia em cabanas cobertas de colmo, que apenas se empregavam no exercício da caça. Todos estes campos ubérrimos de pão que vemos hoje, era um compacto matagal, impossível em alguns pontos de ser penetrado pelo homem.

E uma serpente, uma serpente monstro que tudo matava, tudo triturava. Era horrível preocupação do povo que habitava no local, que mais tarde, no tempo dos romanos, se havia de chamar Pax-Júlia, e presentemente se chama Beja.

Um ardil porém, germinou no cérebro de um habitante desta região:

Envenenar um touro, deitá-lo para onde existia a tal serpente.

Aprovada por todos esta ideia, o touro foi envenenado e deitado para o local indicado.

A luta foi tremenda entre as duas feras.

Por fim, o touro foi atingido pelos efeitos do veneno. Já mortalmente ferido pelas investidas da serpente monstro e vencido, serviu de bom repasto à serpente vencedora.

Mas... alguns dias depois, a serpente fora encontrada morta ao lado dos restos do touro salvador."

Por isso, encontramos a cabeça do touro, no escudo de Beja.

Recolha feita por:
Catarina Espada - Alexandra Melão

Esta LENDA tem uma história muito especial no que me diz respeito. Durante cinco seis anos, pedi aos alunos que trouxessem histórias que conhecessem, para melhor darmos outras Narrativas de grandes autores e darmos a Narrativa. - que não havia LENDAS em Beja! As pessoas já não sabiam dessas coisas!

Uma aluna da noite, já adulta contou-me vagos retalhos. "Havia uma cobra que metia muito medo... e depois lá a mataram...a minha mãe contava-ma mas já não me lembro..."

Uns anos depois, uma aluna que quase não falava, pediu para contar o que a avó contava. Nas aulas seguintes apareceram sucessivamente várias versões até que recolhemos oito. Surpreendentemente, cheguei a casa e fui descobrir uma lenda em seis páginas que tinha escrito num serão, uns anos antes! Quem ma tinha contado? Como se mantêm e renovam as lendas?

Depois disto, à mesa dum café, perguntei a várias pessoas se sabiam e como era afinal a Lenda de Beja.

Muito calmamente o mestre João começou a contar.

Nos tempos antigos, quando aqui ainda havia muitas matas, apareceu aí uma cobra muito grande que matava a população e destruiu tudo.

Aflitos com a situação, a população juntou-se e procurou encontrar uma solução.

Foram ter aí com o lavrador que tinha o melhor gado e pediram-lhe o maior touro para o lançar contra a cobra.

A cobra matou-o, engoliu-o e ficou a hibernar.

Foi então que a população se levantou e com forquilhas, enxadas e varapaus, deu cabo da cobra.

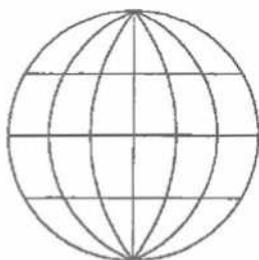
É por isso que temos a cabeça de um touro nas muralhas e nas armas da cidade.

04

AS DÉCIMAS

(A sua originalidade e raridade ignorada ou desprezada pela Escola. Uma estrutura rigorosa ao serviço de uma arquitectura simbólica?)

UM ESQUEMA para uma possível LEITURA



Base das habilidades
 Importante educação
 Sem a tua protecção
 Não brilham as dignidades
 As maiores barbaridades
 O teu poder civiliza
 E se com ela se divisa
 A luz do entendimento
 Quase como alimento
 A instrução é precisa



Creio ser ela o principal
 Adorno da criatura
 Que ilustra quem a procura
 Com um dom sem ter rival
 Mas, sem auxílio moral,
 Não pode ilustrar ninguém.
 Com imoral, se houver quem,
 Que com imoral instrução suba,
 Essa desfeia e derruba
 A quem muita instrução tem.

A quem muita instrução tem.

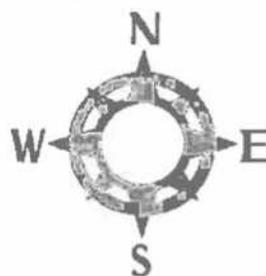
A instrução é precisa



A instrução embrutece.

A instrução não convém.

Ela é meiga e carinhosa
 Abre os olhos à infância
 Opondo à ignorância
 Uma sorte vantajosa
 Portanto tem quem goza
 Ao dispor dela muito bem
 Mas, se com orgulho ou desdém
 A transforma o inconsciente
 Então, verdadeiramente
 A instrução não convém



Esse dote, essa riqueza,
 Esse dom, essa excelência
 Faltando-lhe a consciência
 Não lhe pertence a nobreza.
 Quem zela pela defesa
 De quem castigo merece,
 Se um sagrado dever
 esquece
 E pratica por ambição
 Nada vale a instrução,
 A instrução embrutece!



DÉCIMAS

QUADRAS ou CANTIGAS de décimas ou de 40 pontos - GLOSAS - - CANTO
 ou CONTOS versados - CANTE - FADO - DEIXAS...

As décimas são um lugar à parte. Precisam de um estudo cuidado

Na obra monumental do CANCIONEIRO POPULAR PORTUGUÊS, coligido por José Leite de Vasconcelos, com a coordenação de Maria Arminda Zaluar Nunes, e percorrendo os três enormes volumes, editados. o I em 1975, o II em 1979 e o III em 1983, podemos ler algumas contradições, fruto talvez da pouca atenção que se tem dado ao seu estudo.

Assim, no II vol. p.441, a abrir o cap. XXXI, **Assuntos vários versados em Décimas**, aparece uma nota que diz assim:

"Dado o apreço em que tinha estas décimas, o Prof. Leite de Vasconcellos conservava-as em maços à parte de outras composições. Versando vários assuntos, servem, na maioria dos casos, de glosas a quadras."

Ora, logo no I vol., na Introdução, a ilustre Professora que corajosamente coordenou este monumental trabalho, na p. XXXVIII, refere-se assim às décimas

"Numerosas décimas, por vezes glosas a motes podem ser curiosas por denotarem certa influência da poesia culta. Mas mostram a marcada dificuldade da musa popular se espriar em longas tiradas oratórias: Há frequentes quebras na sequência do raciocínio e evidentes embaraços de expressão. Estão bem longe da transparência cristalina e aliciente simplicidade verificáveis na maioria das outras cantigas, singelas e espontâneas."

E termina assim a sua introdução:

"As cantigas são valiosas nos seus aspectos literário, filológico e etnográfico. é o Cancioneiro importantíssimo documento para a revelação do povo português, encarado tanto na sua vida psíquica como na material e na evolução dentro do meio em que habita. Conceitos de vida, sentimentos, usos e costumes tradicionais, frequentemente já obliterados nas classes evoluídas, tudo aí se espelha."

E termina:

"Não será insistência demasiada recordar que eminentes etnógrafos da actualidade são concordes em que, para o perfeito conhecimento dum país, é imprescindível o estudo das suas manifestações não só cultas mas também populares."

A senhora Professora que nos perdoe, mas com certeza nunca teve oportunidade de ver e ouvir desenvolver Décimas de espantosa beleza, servidas por uma estrutura sólida e rigorosa, construídas por poetas que muitos se atrevem de chamar analfabetos ou de pouca instrução!

Como é possível dizer que *"podem ser curiosas por denotarem certa influência da poesia culta"*? se a poesia culta raramente se atreve a estes voos de glosar em quarenta pontos a quadra que serve de mote? Como é que algo mais perfeito e completo, pode ser uma cópia, ainda por cima deformada de algo que, podemos dizer, não existe. As glosas do próprio Camões são geralmente de duas ou três sétimas!!! Só em Correia Garção encontrei uma aproximação com as Décimas populares.

Habitados a considerar o povo simples e ignorante, a cultura dita erudita, pode permitir-se sentenças como esta; *"Estão bem longe da transparência cristalina e aliciante simplicidade verificáveis na maioria das outras cantigas, singelas e espontâneas."* !!!

Do Povo, só cantigas singelas e espontâneas!!!

O Povo, coitado, não tem capacidade para pensar, e mostra *"a marcada dificuldade da musa popular se espriar em longas tiradas oratórias: há frequentes quebras na sequência do raciocínio e evidentes embaraços de expressão."*

Claro que é difícil. Claro que tem dificuldades. Não conheço poeta culto e diplomado que se atreva, de cor, sem escrever cuidadosamente, sem ler, a construir ou sequer a dizer uma Décima completa.

Daí não se pode concluir que são uma arte menor, uma forma de expressão poética menos digna. antes pelo contrário. Há décimas que são autênticas mini-epopeias, (mini só devido à sua extensão), mas de uma profundidade, beleza e expressividade verdadeiramente espantosas.

Seria bom ouvir aqui, só de Manuel de Castro, *"Fui nova cortante enxada..."* e *"Em tudo sinto poesia..."*

- De mineral, a metal, a enxada que se gastou até ir para a um canhão, tudo isto dito como quem fala e fala como quem canta, temos aí alimento para ver a vida do Homem e da Humanidade!!!

- O encanto perante as maravilhas da Natureza e da Vida, desde o mais simples, aos sons sotaques, aos montes e montanhas, é um Cântico que é muito raro encontrar em poesia!!!

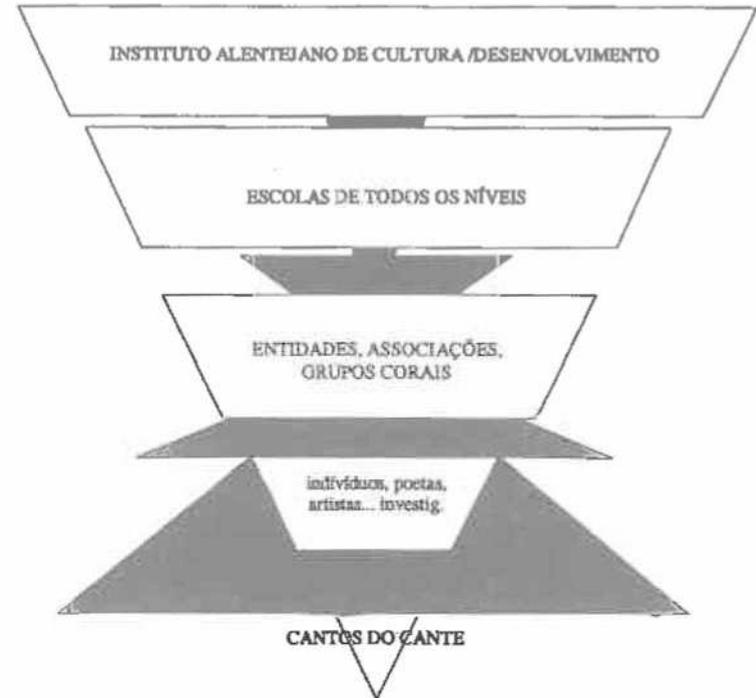
E "as QUADRAS? de 60 pontos?" de Manuel José Santinhos?

Eis aí um desafio que o Povo lança aos estudiosos, com o respeito, a tolerância, a seriedade que é apanágio dos verdadeiros estudiosos que buscam a sabedoria.

As décimas, pela sua raridade, pela sua originalidade, pelo seu enraizamento em certas regiões do Sul do país, são ou devem ser consideradas de alto valor artístico, são ou devem ser consideradas património inalienável da Humanidade, talvez não como catedrais, mas pelo menos como jóias de uma arquitectura rara, e para nossa glória, são, obra do Povo, que não foi à Escola, se foi não as aprendeu na Escola, porque a Escola nem sequer lhe tem dado a atenção, que esta extraordinária forma de expressão poética, merece. Somos nós que temos de fazer este estudo e de o apreciar devidamente, ou estamos à espera que os estranhos o venham fazer?

05

Um breve esquema para a criação de um INSTITUTO ALENTEJANO DE CULTURA / DESENVOLVIMENTO





A LISTA DE ESPECIALIDADES E ÁREAS que se devem contemplar para dar corpo e eficácia a este INSTITUTO é extensa, e só numa Escola onde normalmente se juntem os considerados essenciais, podem, parece, congregar e apelar para a colaboração de especialistas de outras áreas e instituições.

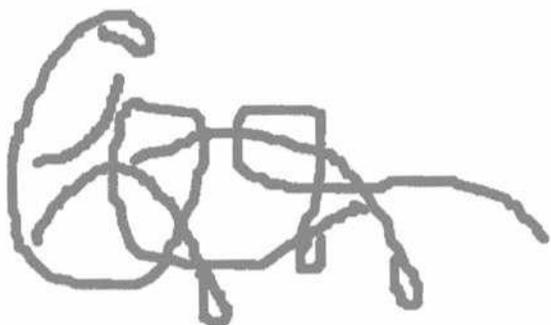
Segundo Kjtódi Varga, autor de uma TEORIA DA LITERATURA, actual (de 1981) só para a área de estudo e análise Literária, ou antes para a "elaboração de uma ciência dos textos", afirma Eduardo Prado Coelho, na Nota Introdutória, citando Michel Grimaud, um dos colaboradores da obra, indica como disciplinas necessárias: "EPISTEMOLOGIA (Filosofia das Ciências), INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, PSICOLOGIA COGNITIVA (memória, percepção, pensamento, linguagem e comunicação), LINGÜÍSTICA, PSICOLINGÜÍSTICA E FRAGMÁTICA, ANÁLISE DO DISCURSO, SOCIOLOGIA, COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL, PSICANÁLISE, SEMIÓTICA, POÉTICA, TEMATOLOGIA (intertextualidades) ESTÉTICA EMPÍRICA, PSICOLOGIA E SOCIOLOGIA DA ARTE. Apenas!!!!?"

Monarca Pinheiro, num projecto para um INSTITUTO ETNOGRÁFICO DO ALENTEJO (1985) a evoluir depois, (1994) para um INSTITUTO DE CULTURA REGIONAL DO ALENTEJO, nome com o qual eu não concordo, sugere que os documentos e estudos a desenvolver devem ser "SOCIOLOGICOS, ETNOGRÁFICOS HISTÓRICOS e ETNO-ANTROPOLÓGICOS, falando ainda de ETNÓLOGOS, CINEASTAS, FOTÓGRAFOS, DESENHADORES, TÉCNICOS DE SOM, IMAGEM...

Ver ainda ARQUITECTURA e a ARQUITECTURA PAISAGÍSTICA... os ANIMADORES e DINAMIZADORES de Grupos, Associações e Clubes Culturais... de Teatro... de Música... Dança...

Enfim, seria preciso encontrar uma equipa aberta e dinâmica que projectasse algo de possível e realizável, de acordo com os meios que fosse possível canalizar para um projecto destes, que não ficasse dependente de iniciativas pontuais e consideradas "missionárias" de "boas vontades" ou de "carolice"...

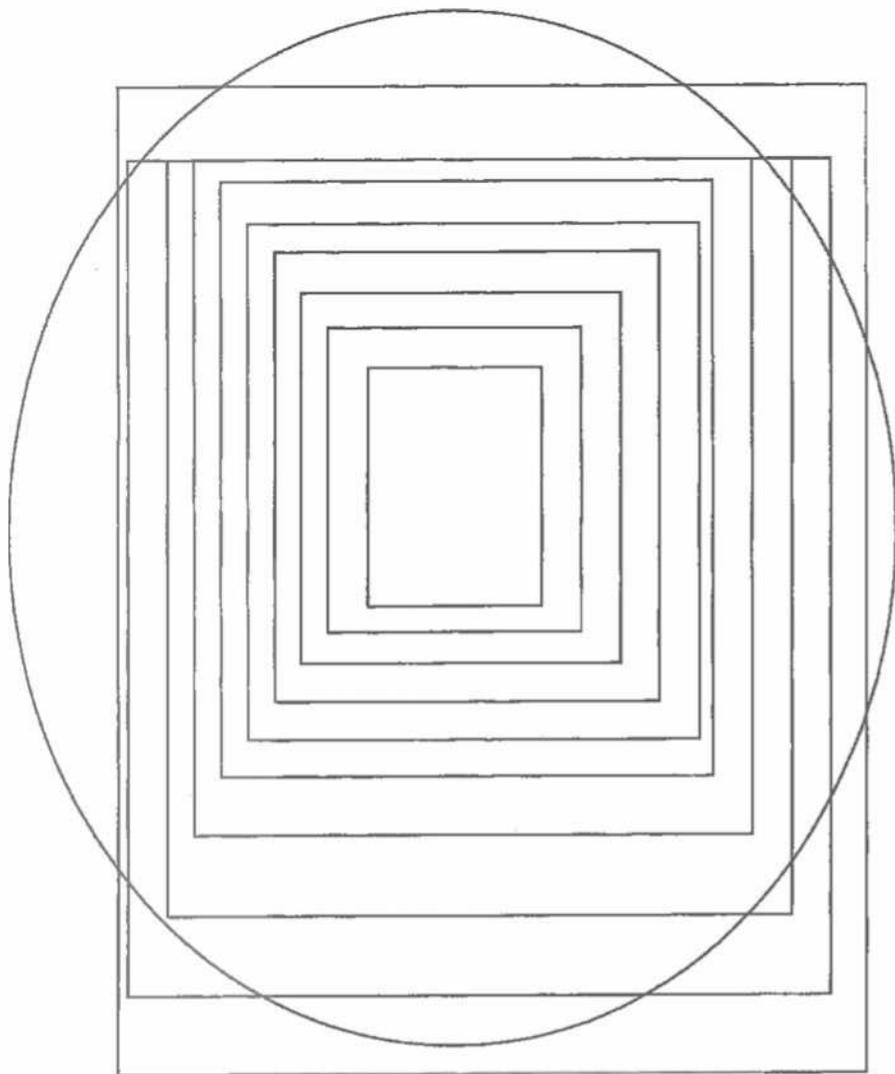
6
Esboço mal desenhado, mas só como sugestão, para alguém que saiba, do conjunto escultórico que podia ocupar a rotunda mais vistosa de Beja.



Se eu soubesse desenhar, este seria o esboço estilizado do TOURO e da COBRA que estilizados, sobrepostos, em material nobre como o cobre, um mais escuro e outro mais avermelhado, talvez obedecendo às mesmas linhas do monumento ao prisioneiro desconhecido que ocupa mui dignamente a rotunda, e contra o qual não tenho nada, antes pelo contrário, mas poderia estar em qualquer parte, inclusive em Lisboa onde vão parar todos os Monumentos dignos de se verem. ESTE, AQUI, lembraria a todos os que passavam que Beja tem LENDAS, tem uma CULTURA e uma IDENTIDADE PRÓPRIAS...

7

(Os valores da Cultura Tradicional podem e devem influenciar, deixar marcas na arquitectura local?)



Um esboço do que poderia ser a porta da Biblioteca Municipal, uma vez que a ideia dos livros é possivelmente interessante e chamativa, mas demasiado evidente e passível de se fazer em qualquer parte do Mundo, onde há livros, enquanto esta, não evidente nem muito explicável, apontaria para a Quadratura do Círculo e para as DÉCIMAS POPULARES, algo de original e único no Mundo.

Vide esquema para possível leitura das DÉCIMAS .

LISTA DE TRABALHOS relacionados com o ALENTEJO

| TÍTULO | AUTOR nome e deNÓMIO | caracterização | espécie |
|--------|-------------------------|----------------|---------|
|--------|-------------------------|----------------|---------|

Trabalhos que foram PUBLICADOS

| | | | |
|---|---|---|------------------------|
| A LINGUÍSTICA E A ANÁLISE LITERÁRIA COMO CONTRIBUTO PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALENTEJO - PARA A CRIAÇÃO de um INSTITUTO ALENTEJANO DE CULTURA | José Rabaça Gaspar Em co-autoria só nominal com outros colegas | 1. 5p. publicado in Actos do 1º Congresso sobre o Alentejo, Out.85, mais 28p escritas, não publ. 2. Reconversão public. in Jornal Terras do Cante, Fev. Mar. de 94 | Estudo, Ensaio teórico |
| POETAS POPULARES DO CONCELHO DE BEJA | José Rabaça Gaspar | Organização, 200p. introdução (p.9-19)e 3 Anexos estudos finais, p.183-19, 1986/87. | Estudo, ensaio. |
| A/s FEIRA/s - A FEIRA DE CASTRO em vãs rondilhas | Cigano Castanho | Public. 500ex, 40p. pela Esc. Sec. João de Barros e Junta de Freguesia de Corroios, Maio 95 | |
| A ILHA DO PESSEGUEIRO - A/s LENDA/s enCA(O)NTADA/s em rondILHAS | José d'A MAR | Public. 500ex, 24p. pela Esc. Sec. João de Barros e Junta de Freguesia de Corroios, Maio 95 | |

Trabalhos relacionados com VALORES CULTURAIS DO ALENTEJO

| | | | |
|---|----------------------------|-------------------------------------|--|
| VIAGENS do Cigano Castanho e da Cigana Mariana ATRAVÉS DO MARAVILHOSO - I - LENDAS DE BEJA | José Penedo | 260p., 1988 - 1995 (em recuperação) | Prosa - recriação e comentário de Lendas |
| VIAGENS do Cigano Castanho e da Cigana Mariana ATRAVÉS DO MARAVILHOSO II- Lendas de Beja - o Touro e a Cobra em Baladas | José Penedo - o balaideiro | 68 p. poesia, 1992-1994 | Poesia, recriação e reescrita e leitura diversificada das Lendas |

| TÍTULO | AUTOR nome e <i>de</i> NÓMIO | caracterização | espécie |
|--|---------------------------------------|---|--|
| VIAGENS do Cigano Castanho e da Cigana Mariana ATRAVÉS DO MARAVILHOSO III - O CANTO, O ENCANTO DAS FONTES - AS LENDAS - AS FONTES | José da Fonte Santa | 76p. poesia, 1991-1994 | Poesia com recolhas do Canc. Popular e reescrita de cantigas medievais |
| VIAGENS do Cigano Castanho e da Cigana Mariana ATRAVÉS DO MARAVILHOSO IV - A/s FEIRA/s - A FEIRA DE CASTRO EM VÃS REDONDILHAS | Cigano Castanho - andarilho de feiras | 38p. poesia, 1987-1995 | Poesia - uma visão da/s feira/s |
| VIAGENS do Cigano Castanho e da Cigana Mariana ATRAVÉS DO MARAVILHOSO V - A ILHA DO PESSEGUEIRO - A/s LENDA/s encA/O/NTADAS em redondILHAS | José d' A Mar | 46p. poesia, 1989-1994 | Poesia - uma re/invenção das Lendas |
| A Mar | José d' A Mar | 68p. poesia | Poesias várias |
| VIAGENS do Cigano Castanho e da Cigana Mariana ATRAVÉS DO MARAVILHOSO VI- MOURA - A MOURA - AMOR - A MORTE - - A UTOPIA DA CONVIVÊNCIA (IM)POSSÍVEL | José Penedo de Moura | 186p. prosa e alguma poesia - verão de 1994 | Prosa - pistas e comentário de 9 versões da mesma lenda |

Trabalhos relacionados com as minhas RAÍZES - a SERRA DA ESTRELA

| | | | |
|------------------------------------|---------------------------------|----------------------------|---|
| VIAGEM À MINHA Serra-I - NOMINÁLIA | José da Serra do Vale do Zêzere | ca. de 300p. em acabamento | Prosa e poesia - levantamento de palavras e expressões e pistas de estudo e comentários |
|------------------------------------|---------------------------------|----------------------------|---|

| TÍTULO | AUTOR nome e deNÓMIO | caracterização | espécie |
|--|---------------------------------|--|--|
| VIAGENS do Cigano Castanho e da Cigana Mariana ATRAVÉS DO MARAVILHOSO VI -VIAGEM À MINHA Serra-II - AS LENDAS DA SERRA | José da Serra do Vale do Zêzere | em elaboração com ca de 300p. | Prosa e poesia - recolha e recriação das Lendas da Serra |
| VIAGEM À MINHA Serra III - em VIAGEM ... | José da Serra do Vale do Zêzere | em rascunho com ca de 100p escritas e previsão de 300. | Prosa - memórias, reflexões e crítica social |

Trabalhos diversos, só mais ou menos, relacionados com a Escola

| | | | |
|--------------------------------------|-----------------------|---|---|
| O MEU LIVRO do TIO ZÉ MOLEIRO | José do/a Mar | 30/50p. dependentes do Tio Zé, 1989.. | Poesia - recolha e notas |
| O/s PRESEPIO/s - AUTO/s dos PASTORES | José Penedo de Belém? | Recolha de autos populares (da Boavista e S. Matias) em confronto com outros eruditos | Estudo comparado de recolhas. (Com dificuldades de obter material). |

Trabalhos sobre ALFABETIZAÇÃO - para aplicação do MÉTODO DE PAULO FREIRE

| | | | |
|--|-----|---------------------------------|---------------------------|
| ALFABETIZAÇÃO - Material teórico de apoio, uma adaptação da obra de Paulo Freire | JRG | cerca de 50p. em org. 1975 | |
| ALFABETIZAÇÃO - Uma experiência Sócio-Cultural entre 75/76 e textos. | JRG | cerca de 180p. em org., 1975/76 | |
| Cooperativa Agrícola Popular da Torre Bela | | 34p., 1975 | Publicada em 1975, + doc. |

Alfabetização Torre Bela, Manique do Intendente, Azambuja

| | | | |
|---|--|----------------------------|----------------------------|
| UMA EXPERIÊNCIA SÓCIO-CULTURAL - um ano nas cooperativas azagro | | Set, 75/Set.76, 180 folhas | Textos, relatos e recolhas |
|---|--|----------------------------|----------------------------|

| TÍTULO | AUTOR nome e deNÓMIO | caracterização | espécie |
|---|-------------------------|----------------|--|
| HISTÓRIAS E RECOLHAS - Azambuja-Cartaxo Azagro cultural 1975/76 | | 1975/76, 393 | Recolhas e dados sobre a zona e as povoações |

Trabalhos feitos e recolhidos por alunos e por mim para material de apoio didáctico

| | | | |
|--|---|---|--------------------------------|
| As minas de Sal Gema e Rio Maior | Alunos da Esc. Sec. de Rio Maior, 1976/77 | ca. de 100p. | A Escola e o seu meio |
| As Cheias do Ribatejo | Alunos da Esc. Sec. de Rio Maior, 1976/77 | vários cadernos. | o impacto numa região agrícola |
| História da Escola Primária | Alunos da Esc. Sec. de Rio Maior, 1976/77 | trabalhos de diversos alunos de v. turmas | A evolução da Pedagogia |
| Recolhas no Ribatejo | Alunos da Esc. Sec. de Rio Maior, 1976/77 | | Rezas, ditados, poesia... |
| Danças do Baixo Alentejo | Tradição, FVM-Ficalho | ?20, 1986 | Recortes |
| e O Baile da Pinha | Alunas do Magistério P. de Beja | ?20p., 1986 | e relatos |
| Contos e Lendas do Alentejo in vários | MJDelgado, JRLobato, FVMachado | ?100p. 1985/86 | Montagens |
| Contos Populares do Alentejo - in a Tradição | in TRADIÇÃO, Serpa, 1899/1904 | ?150p, 1986 | Montagem de mais de 100 c. |
| Lendas do Alentejo in Gentil Marques | Gentil Marques, de 1962 a 1966 - lendas de Portugal | 144p.1986 | Montagem de 16 Lendas |
| Lendas do Alentejo in Fernanda Frazão | Fernanda Frazão, in Lendas Portuguesas, s.d. | ?100p., 1986 | Montagem de 18 Lendas |
| Poetas Populares do Alentejo - uma recolha em Aljustrel, 9 poetas | Aluna da Esc. Mag. Pr. de Beja - Olívia Pardal Mata | 202p., 1986? | Poesia Popular |
| Viagens ao ALENTEJO na sequência das Viagens na minha Terra de Almeida Garrett | Alunos dos Cursos Compl. Nocturnos | 50p. 1983 | Na pista de Garrett |

| TÍTULO | AUTOR nome e deNÓMIO | caracterização | espécie |
|--|---|--|--|
| AS SIBILAS do ALENTEJO na sequência de A SIBILA DE Agostina Bessa Luís | Alunas do 12º Ano | 50p.1982 | Na esteira de Agostina |
| Relatos de aulas - o programa de vários anos vistos pelos alunos | Alunos do 10º Ano, Cursos Humanísticos | vários vol., 1984/85 | Visão crítica dos Progr. e aulas |
| Festa da POESIA, MÚSICA E MOVIMENTO - | JRG - relato de uma experiência com os alunos dos Cursos Com- plementares Nocturnos, | ??p. 1983/84 | Da planificação à realização |
| O TEATRO NA ESCOLA - uma experiência interdisci- plinar com 4 turmas do 10º Ano Humanísticos, 1984/85 | JRG - O Teatro na sala de aula e a vinda de dois grupos de Teatro a Beja - Barraca e Campolide | ??p. 1984/85 - 6º Centenário da Revolução de 1385 | Material dis- perso. |
| AQUILINO RIBEIRO e FERNANDO PESSOA - Centenário do nascimento e cinquentenário da morte. | JRG - | 1985/86 | Material a organizar |
| S. MARTINHO - uma Co- munidade Escolar em FES- TA | JRG e trab de alunos e professores | 52p. 1989 e 1994 | Da Lenda à Hist., Prov. e Canções div. línguas... |
| A CONDESSINHA D'ARAGÃO | recolha e adaptação de JRG, a partir de Teófilo Braga e... | 26p.1989 | Para dramatiza- ção, jogo, dan- ça... |

Trabalhos apresentados para CONCURSO e RESULTADO da LICENÇA SABÁTICA que me foi concedida durante o ANO LECTIVO de 1993/94

| | | | |
|---|--------------------|--|---|
| CURRICULUM VITAE | José Rabaça Gaspar | 88p., Amora, 20/01/93, revisto em Beja, 09/93 | O CURRICULUM PROFISSIONAL E CRONOLÓGICO |
| RELATÓRIO DE ACTIVIDADES e BIBLIOGRAFIA | José Rabaça Gaspar | 30+34p. Amora, 20/01/93 e revisto em Beja, 09/93 | O esboço de um RELATÓRIO que depois não foi exigido mas é comple- mento do CURRI- CULUM. |

| | TÍTULO | AUTOR nome e deNÓMIO | caracterização | espécie |
|--|--|---------------------------------|-----------------------|---|
| | ANEXOS AO CURRÍCULO VITAE E RELATÓRIO DE ACTIVIDADES | José Rabaça Gaspar | 96p., Amora, 20/01/93 | Fotoc. de Docum. e 1ªp. e índice dos trabalhos |
| | PROJECTO DE FORMAÇÃO PESSOAL PARA 1993/94 | José Rabaça Gaspar | 10p. Amora, 20/01/93 | Projecto, Requerimento e PARECER do Prof. PINTO CORREIA |

NOTA: Todos estes DOCUMENTOS foram revistos como trabalho já durante a LICENÇA SABÁTICA e reunidos num volume de 276p. para estar preparado para os mais diversos contactos e para poder pôr à disposição, para consultas de colegas que o solicitassem.

| | | | | |
|--|------------------------------|--------------------|---------------------------------|---|
| | LICENÇA SABÁTICA 1993/94 | José Rabaça Gaspar | 276p. Penedo Gordo, Beja, 09/93 | Volume com Trb. de 55 a 58 |
| | LICENÇA SABÁTICA - RELATÓRIO | José Rabaça Gaspar | 74p. 31 de Agosto de 1994 | Relato cronológico do desenvolvimento dos trabalhos e parecer do Professor Dr. ARNALDO SA-RAIVA |
| | LICENÇA SABÁTICA - ANEXOS I | José Rabaça Gaspar | 108p. 31 de Agosto de 1994 | Com comprovação dos Trabalhos realizados |
| | LICENÇA SABÁTICA - ANEXOS II | José Rabaça Gaspar | 112p. 31 de Agosto de 1994 | Outra documentação e contactos efectuados |

Trabalhos a destacar em 1994/95 - na Escola EB, 2.3 de SANTA MARIA, BEJA

| | | | | |
|--|--|---|----------------|--|
| | BIBLIOTECA - Esc.EB,2.3, StªMaria - Beja | Equipa da Bibl. com redacção e execução JRG | 1. p, 17/09/94 | Bases do projecto para consulta aos grupos e áreas |
| | A FESTA DE S. MARTINHO Uma Comunidade Escolar em Festa Escola EB, 2.3, de Stª MARIA - BEJA | Equipa da Bibl. com redacção e execução JRG | 2.p.19/10/94 | Projecto para a festa de S. Martinho |

| TÍTULO | AUTOR nome e deNÓMIO | caracterização | espécie |
|---|---|--------------------------|---------------------------------|
| S. MARTINHO - 10/11/94 | Equipa da Bibl. com redacção e execução JRG | 1p. 10/11/94 | O programa |
| JORNADA sobre LI- TERATURA TRADI- CIONAL | JRG e Arisberta Costa | 2p. 12/11/94 | a pedido da Esc. D. Manuel I |
| JORNADA sobre LI- TERATURA - PRO- GRAMA | JRG e Arisberta Costa | 2p. 17/11/94 | a pedido da Esc. D. Manuel I |
| PROJECTO de organi- zação e animação da BIBLIOTECA, ESC. EB.2.3 de Stª MARIA - BEJA | Equipa da Bibl. com redacção e execução JRG | 2p. depois 20p. 01/95 | |

Trabalhos para o Concurso às PROVAS de acesso ao 8º Escalão, apresentado em Março de 1995 e com provas prestadas em 15 de Maio de 1995

| | | | |
|---|--------------------|----------------------|--|
| CURRICULUM VI- TAE REVISTO | José Rabaça Gaspar | 94p. | |
| O PORTUGUÊS LÍNGUA MATERNA - as suas profundas RAÍZES nos VALO- RES da CULTURA TRADICIONAL | José Rabaça Gaspar | 104p, + 12 extra-tx. | |

Em perspectiva:

- A criação do INSTITUTO ALENTEJANO DE CULTURA / DESENVOLVIMENTO (IAC/D) proposto pela 1ª vez, no 1º Congresso sobre o Alentejo, Universidade de Évora, Outubro de 1985, (III vol. p.1127), no Prefácio de "POETAS POPULARES DO CONCELHO DE BEJA, 1987 e no Jornal *Terras do Cante* .nºs 2 e 3, de Abril e Maio de 1994.

- o ESTUDO APROFUNDADO de AS DÉCIMAS - como expressão poética única no Mundo e característica do Sul do país. que os considerados "analfabetos" são capazes de produzir, realizando de certo modo O CÍRCULO DO QUADRADO em confronto ou complemento com a QUADRATURA DO CÍRCULO... (vide POETAS POPULARES DO CONCELHO DE BEJA, em introdução e anexos, I, edição de Câmara Municipal de Beja, Maio de 1987 que é de 1989).

- Outro TRABALHO que, de momento se me afigura URGENTE:

Devido a contactos tidos em S. Matias, Beja com alguns poetas populares, para realizar uma acção na Escola EB, 2.3 de Santa Maria, Beja, pelo S. Martinho, 1994 e outra na Escola D. Manuel I, Beja, de 14 a 17/11/94, acho que permitiu chamar a atenção para a riqueza Cultural que vai do teatro à poesia. Podemos constatar que alguns poetas populares, *analfabetos*?! sabem dezenas e dezenas de décimas e poesias, e um grande número não tem hipótese de os guardar por escrito. Além disso, todos guardam a memória de um poeta popular que todos consideram grande, ao nível ou melhor que António Aleixo e Manuel de Castro: - Inocência de Brito, de S. Matias - Beja, a quem Manuel de Castro chamava "o meu Mestre", como nos disse o Sr. Joaquim Ruaz, em S. Matias. Há muita gente que sabe de cor décimas desse poeta, outros têm por escrito. Acontece que há poemas que todos ali sabem ser de Inocência de Brito e estão divulgados, atribuídos a outros.

Era um trabalho sedutor e de grande envergadura a realizar, mas a realizar com grande delicadeza e respeito, de modo a quebrar a barreira terrível entre "a maneira de saber do Povo e a maneira de saber da Escola", que Torga classificou como "A desgraça de um Povo..."

- A QUANTIDADE DE TRABALHOS que seria urgente e desejável desenvolver e ultrapassam, como é evidente os meus limites, são imensos.

Arrisco uma LISTAGEM de ASPECTOS, VARIÁVEIS, ÁREAS, TEMAS a que seria preciso dar alento, atenção, merecer um trabalho, simultaneamente de apoio, animação, oportunidade de se manifestarem..., e recolha, estudo e divulgação.

1. Seguindo Monarca Pinheiro, num trabalho intitulado: *Tradições do Alentejo - Projecto de Estudo Etnográfico-Etnológico*, de Janeiro de 1994 seria "pensável a seguinte esquematização.

1- Amor e morte - namoro, casamento, adultério e nojo.

2- Festas, Feiras e mercados - origens, meios e envolvências;

3- Religiões, curandeiros e mezinhas populares,

4- A casa - urbana e rural,

5- olarias e barristas,

6- a arte pastoril, o mobiliário rústico e artesanato;

7- Cozinha e doçaria,

8- o trabalho rural - técnicas, trajes, alfaias;

9- Contos, poesia e ditos da tradição oral;

10- o canto coral, ranchos e saias."

É claro que, se começarmos a ver os diversos aspectos das manifestações da maneira de SER, SENTIR, PENSAR e COMUNICAR, podemos logo acrescentar:

- As figuras mais simbólicas e caracterizadoras da identidade desta região. o pastor, o ceifeiro/a... os diversos trabalhos rurais...
- As danças e bailes... (Bailes da Pinha, Bailes sazonais e ocasionais... Saias...)
- A Música...
- A poesia com o seu mundo de variáveis em que as DÉCIMAS têm um lugar especial...
- Os Jordões... o Baldão... o Despique... As Maias...
- O Teatro...
- Os jogos
- As anedotas...
- As Alcinhas
- A Toponímia
- As expressões e termos característicos a pedir um dicionário ou léxico regional... ou até uma obra especial como o exemplo que nos deu o "Manuel Loendrero"...
- E a evolução de tudo isto na actualidade dos que apostam num regresso ao FUTURO? E a sua manifestação visível nas manifestações de cultura da actualidade?

Só uma equipa coesa e com uma sólida formação, - diversificada tanto quanto possível para abarcar ao máximo os diversos aspectos das variadas manifestações da Cultura, - sem arrogância que não pode ser apanágio do Saber, - e verdadeiramente interligada e envolvida no meio social em que está inserida, - poderá empreender com respeito e eficiência um PROJECTO desta envergadura (IAC/D ou equivalente) que, conhecendo bem um Povo e uma Região, possa apontar com solidez os caminhos de um são, desejável e possível Desenvolvimento.

BIBLIOGRAFIA

Relacionada com VALORES DA CULTURA / LITERATURA TRADICIONAL

| | |
|---|--|
| | AS MIL E UMA NOITES - CONTOS ÁRABES, autor?, I vol. Tomo 1 e 2, II vol. Tomo 3 e 4, Livraria Lello e Irmãos Editores, Porto, s/d (A arte de contar histórias intermináveis que terminam a cada passo e se encadeiam e misturam sem nunca perderem a UNIDADE e a inesgotável variedade!... portadoras de uma sabedoria profunda e enraizada, fugindo à banalidade sem perder a capacidade de "encantar" ... afinal, já foi descoberta há milhares de anos... A tentativa "imbecilizante" que as TELE/SÉRIE/COMPACT-NOVELAS tentam aproveitar do mais superficial desta OBRA ÚNICA é pura e simplesmente uma mera tentativa de confundir bolinhas de vidro "brilhante" com o ouro puro por exemplo dos Índios, Incas, Aztecas, Maias!!!) |
| ABREU, Maurício - Fotografias, MACEDO, Margarida - Texto | TERRA BRANCA, 1 de 500 exemplares, Setúbal, Abril de 1983. (15 fotografias e alguns textos... - "uma visão particular desta terra de luz e de branco". |
| AFREIXO, José Maria da Graça | MEMÓRIA HISTÓRICO-ECONÓMICA do CONCELHO DE SERPA, (304p) Coimbra, Casa Minerva, 1884 |
| Alves, Adalberto | ABU AL-WALID AL-BAJI -Um Humanista árabe do séc.I (64p) Ed. da CM Beja, 1991 |
| Alves, Adalberto | AL - -MU TAMID de BEJA (Poeta de séc.I) (128p.) Ed. CM Beja, 1985 (A quando da celebração 890º aniversário do poeta. - de 1095) |

| | |
|--|---|
| ANDERSEN HANS CHRIS- TIAN (1805 - 1875), Dinamarca | O PATINHO FEIO, O PEQUENO ABETO, O ROUXINOL, A PRINCESA E A ERVILHA, A RAINHA DAS NEVES (Conto em sete Histórias), TUMBELINA, A SEREIAZINHA, O SOLDADINHO DE CHUMBO... são alguns dos muitos contos que tornaram imortal este autor. Nasceu em Odense. Filho de um sapateiro. Deixou a casa aos 14 anos para buscar fortuna em Copenhaga. Foi primeiro actor e depois escritor. Após extremas dificuldades, conseguiu ajuda de pessoas influentes e do próprio rei. Escreveu poemas, novelas e peças de teatro, mas foram os contos de fadas que o tornaram imortal. Admirado por muitos notáveis seus contemporâneos como Walt Whitman, Oscar Wild e Charles Dickens..., este escreveu-lhe uma vez: "Seja o que for que faças na vida não desistas de escrever, pois não podemos dar-nos ao luxo de perder nenhum dos teus pensamentos. Eles são demasiado belos para ficarem escondidos na tua mente". |
| ANDERSEN Hans Christian, | CONTOS IMORTAIS, publicados entre 1835 e 1872..., Publicações Europa América, Lisboa, 1944 (Andersen viveu entre 1805 e 1875 e, como outros autores, estamos perante CONTOS para crianças ou infantis que os adultos, se quisessem, poderiam tentar analisar e... entender!) |
| ARGEL, David e MARQUES, Helena Guerreiro | QUATRO DÉCADAS DE BEJA - UMA BUSCA das BRUSCAS TRANSFORMAÇÕES 1950 - 1989 Ed. CM Beja, 1989 |
| ASBJÖRNSEN, PETER CHRIS- TIEN (1812 - 1885, Noruega MOE, JÖRGEN ENGERBRETSE N 1813 -1882), Noruega. | PORQUE É SALGADO O MAR, A LESTE DO SOL E A OESTE DA LUA...(do 1º) e Histórias de diabretes e Duendes (o 2º) são alguns dos contos mais conhecidos destes dois autores que produziram extensas antologias de contos tradicionais noruegueses. Conheceram-se em 1826 (14 e 13 a.), na escola de Norderhov, norte de Oslo, tornando-se amigos e colaboradores pela vida fora. ASBJÖRGENS VEIO A SER ZOOLOGO e Moe, após alguns anos como professor veio e ser padre e foi bispo de Christiansand. O primeiro inspirou-se especialmente no decurso de viagens através dos maravilhosos fiordes da Noruega, e Moe, mais nas expedições em zonas áridas e montanhosas. A 1ª antologia apareceu em 1843 e a 2ª em 1844, com, por exemplo, as famosas histórias: TRÊS BODÉS RABUGENTOS, e A PRINCESA NO MONTE DE VIDRO... |
| BAUM, Lyam Frank, | THE WONDERFUL WIZARD OF OZ, ou simplesmente o FEITICEIRO DE OZ, com ilustrações de W. W. Denlow, Publicações Europa América, Lisboa, s/d (1986?) |

| | |
|-----------------------------|---|
| | <p>(BAUM viveu entre 1856 e 1919 e escreveu mais ou menos sessenta livros para crianças. Em 1900, havia cerca de treze livros sobre OZ. A fantasia com que nos sabe levar com a desastrada Dorothy nas asas do furacão, com os seus companheiros, o espantalho de palha, o lenhador de lata, e o leão de peluche, à procura das soluções mágicas do fantástico FEITICEIRO DE OZ!, decididamente que só pode ser uma história para divertir criancinhas! Proponho mesmo, na minha modesta e ingénuo opinião, que devia ser um livro proibido para adultos, especialmente se tiverem algum cargo ou responsabilidade educativa e governativa!!!</p> |
| <p>BETTELHEIM Bruno</p> | <p>PSICANALISE NO CONTO DE FADAS... (Da biblioteca da Escola) (Um livro importante para tentar desvendar os signos, os símbolos, os mitos, os valores, os costumes a sabedoria oculta... numa CULTURA TRADICIONAL, que resiste ORAL, escrita, ORAL, através dos tempos, das diversas versões, das agressões e até às sentenças dogmáticas da "infalível" cultura erudita!!!)</p> |
| <p>BRAGA, Teófilo</p> | <p>O POVO PORTUGUÊS NOS SEUS COSTUMES, CRENÇAS E TRADIÇÕES, I E II Vol., Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1985(1ªed. 1885); CONTOS TRADICIONAIS DO POVO PORTUGUÊS, com um Estudo sobre Novelística em Geral, I e II Vol., Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1987, (1ªEd. 1883): ROMANCEIRO GERAL PORTUGUÊS, 1º vol - Romances Heróicos, Novellescós e de Aventuras, Manuel Gomes Editor Livreiro de Suas Magestades e Altezas, Lisboa, 1906; 2º vol - Romances de Aventuras, Históricos, Lendários e Sacros, Manuel Gomes Editor Livreiro de Suas Magestades e Altezas, Lisboa, 1907, 3º vol - Romances com fórmula Literária dos séc. XV-XVII, J.A. Rodrigues & Cª Editores, Lisboa, 1909; ed. fac-similada, com introdução de Pere Ferré, baseada na 2ª ed ampliada, Editorial Vega?, s/d, 1983?; HISTÓRIA DA POESIA POPULAR PORTUGUESA - Ciclos Épicos, com prefácio de João David Pinto-Correia, Edição fac-similada, Vega, Lisboa, 1987. (Obras ainda na linha do trabalho pioneiro vindo do Romantismo lançado por Garrett e Herculano com valiosos dados e elementos de Etnografia, Antropologia... e a memória da maravilhosa arte de contar histórias com as suas marcas de oralidade e poder de encantamento Épicos, com prefácio de João David Pinto-Correia, Edição fac-similada, Vega, Lisboa, 1987. (Obras ainda na linha do trabalho pioneiro vindo do Romantismo lançado por Garrett e Herculano com valiosos dados e elementos de</p> |

| | |
|---------------------------------|---|
| | Etnografia, Antropologia... e a memória da maravilhosa arte de contar histórias com as suas marcas de oralidade e poder de encantamento!) |
| BUCK, Pearl S., | HISTÓRIAS MARAVILHOSAS DO ORIENTE, Edição Livros do Brasil, Lda, Lisboa, 1965 (Podemos dizer que, afinal, estas Histórias são "...uma Viagem de descoberta por terra e mar." "...a um MUNDO FABULOSO DE ENCANTO E FANTASIA, o mistério lendário das terras orientais. Os primores da sabedoria e da imaginação asiáticas reflectem-se nestas histórias maravilhosas que Buck recriou com talento inimitável que lhe valeu o Prémio Nobel"... Mais ou menos como a história do segador de erva que ganhava cinco dinheiros por dia no seu trabalho duro e quase miserável...que... poupando um dinheiro por dia... transformou as suas economias num presente fabuloso que fez felizes princesas e príncipes!!! |
| CABRAL, João | SERPA DO PASSADO (304 p), Tip. Ed. Franciscana, Braga, 1968 |
| CABRAL, João | ARQUIVOS DE SERPA (Câmara Municipal), Serpa 1971 |
| CAEIRO, Baltazar Mexia de Matos | QUADROS ALENTEJANOS, Ed. de autor?, 1981 (Montoito, Vila Viçosa e sua Feira ? 9 Quadros que nos dão 9 retratos do Alentejo, do falar, dos usos, costumes, crenças e crendices... de um Alentejo talvez pouco conhecido que só um profundo conhecedor do Alentejo nos pode dar.) |
| CAETANO, José A. Palma Caetano | VIDIGUEIRA E O SEU CONCELHO, Ed. CM Vidigueira, Ensaio Monográfico, 1986, |
| CALVET, Nuno | ALÉM TERRA - 60 fotografias de Nuno Calvet, Fundação Calouste Gulbenkian, Janeiro de 1983 (Com prefácio ou apresentação de Lima de Freitas, o que se pode dizer perante estas fotografias ou arranjos fotográficos é que são de facto de notável valor artístico e são uma resposta aos que teimam em falar da monotonia e da falta de variedade do ALENTEJO.) |
| CAMACHO, Brito | MEMÓRIAS E NARRATIVAS ALENTEJANAS, Guimarães Editores, Lisboa 1988, 240p. com prefácio e selecção de Óscar Lopes, (Num prefácio de umas 20 páginas Óscar Lopes diz-nos quem é Brito Camacho, (1862- 19/09/1934) a sua vida de Político e do valor destes textos: 8 contos - 1. A Sra. Maria do Cerro, 2 o Tio Rosa, 3. A |

| | |
|--|---|
| | <p>Tosquia, 4 As Janeiras, 5 A Matança, 6 A Verruga, 7 O Compadre Rabino, 8 O Clemente. Fala ainda da sua agitada vida política, de ministro, de "fazer e desfazer" ministérios, de Alto Comissário em Moçambique e da sua vasta obra...)</p> |
| CARROL, Lewis, | <p>ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS, (Título original: Alice's in Wonderland, Natal de 1865), Public. Dom Quixote, Lisboa 1988; ALICE RACONTÉE AUX PETITS ENFANTS ET POESIE POUR ALICE (Texte Français par Henri Parisot) suivi de LETTRES A DES ENFANTS (Texte Français par Jacques Papy), Eric Losfeld, Editeur, 1969, @ by Edition du Terrain Vague, 1969. (Lewis CARROL ou Charles Lutwidge Dodgson, 1832-1898, professor de matemática, que ficou famoso com a publicação de Alice no País das Maravilhas, em pleno reinado da Rainha Vitória, em Inglaterra, conseguiu uma verdadeira pedrada no charco naquilo que até então se considerava a Literatura Infantil! O sonho, o inverosímil, o "non-sense", a angústia, o terror, as soluções mágicas..., têm um papel importante no imaginário e na vida das crianças! e dos adultos!!! Resumir aqui os estudos e possíveis implicações desta obra é, evidentemente, tarefa impossível. A segunda obra, em francês, é uma possível visão, feita pelo próprio autor.</p> |
| CARVALHO, Abílio Pereira | <p>HISTÓRIA DE UMA CONFRARIA (1677 - 1855), Edição da CM Castro Verde, 1989, 189p. (Trata da Confraria de S. Miguel em Castro Verde, da sua implantação, ramificações e influência na região e o templo do tempo de D. João V que ainda existe.)</p> |
| CASTRO, Manuel António de | <p>AS DEIXAS - com Pesquisa e Comentários de Cristóvão Enguiça, recolha de familiares e população de Cuba, Edição da Câmara Municipal de Cuba, Julho de 1987, 126p (Uma recolha das Décimas de um poeta popular, contemporâneo de António Aleixo, obra dividida em 6 capítulos como: a Morte, a Juventude, a Fome, o Misticismo, a Filosofia, a Vida, donde salientamos, "Em tudo sinto poesia", p.19 e "Fui nova, cortante enxada", p.40.)</p> |
| CESARINY, Mário, (selecção, fixação do texto, prefácio e notas), | <p>HORTA DE LITERATURA DE CORDEL, (O Continente Submerso, o Grande Teatro do Mundo, os Sobreviventes do Dilúvio, Monstros Nacionais, Monstros Estrangeiros), Assírio e Alvim, Lisboa, 1983.</p> |

| | |
|--|--|
| CHEVALIER, Jean, e GHEERBRANT, Alain, | DICTIONNAIRE DES SYMBOLES, (MYTHES, RÊVES, COUTUMES, GESTES, FORMES, FIGURES, COULEURS, NOMBRES, Éditions Robert Laffont S.A. et Éditions Jupiter, Paris, 8ª réimpression, 1988, a partir da revisão de 1982, 1º ed. baseada na ed. original de 1969 |
| CM ALVITO, Boletim | INFORMAÇÃO MUNICIPAL |
| CM SERPA, Boletim | INFORMAÇÃO SERPA Nº1 Abril de 1994 a 7 Abril de 1995 |
| COELHO, Adolfo, | CONTOS POPULARES PORTUGUESES, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1988 (1ªed. 1879) |
| COELHO António Maria | BIOGRAFIA E POESIA DO POETA POPULAR ANTÓNIO MARIA COELHO, Ed. de autor, Março de 1993, Corte Vicente Anes, Aljustrel. (96p. uma quase centenas de décimas de um poeta que nasceu em 1937, trabalhou nas minas de Aljustrel desde os 18 aos 52 anos, reformado em 1972? com mil escudos por mês!!!, a sua biografia é a memória do tempo e terras que percorreu e poetas que conheceu e dos problemas sociais que detecta e se empenha em resolver, comprometendo-se... , as suas décimas e a vivacidade com que as diz, são um caleidoscópio de casos públicos e particulares... significativos.) |
| Comissão organizadora | CONGRESSO SOBRE O ALENTEJO, Évora, 1985 |
| CONCEIÇÃO, Mário da | MEMÓRIAS DE UM POETA Ed. CM Beja, 1994 |
| CONDE DE MONSARAZ | MUSA ALENTEJANA - LIRA DE OUTONO (240p. mais 20? c/ apoiantes), Livraria Ferin, 1954 |
| COOPERADORES da Cooperativa Agrícola Popular da Torre Bela | COOPERATIVA AGRÍCOLA POPULAR da TORRE BELA - O nosso contributo para a História da Reforma Agrária em Portugal - uma experiência mais, 23 de Abril de 1976. (Esta brochura teve a colaboração de praticamente todos os cooperantes e até apoiantes exteriores, mas especialmente o trabalho de Camilo e Jorge Mortágua, e o trabalho de escrita e organização de José Rabaça Gaspar, que era o responsável do Grupo Sócio Cultural.) |

| | |
|--|--|
| COSTA, Helder, | ZÉ DO TELHADO, Teatro, Centelha, Coimbra, 1978 |
| DELGADO, Manuel Joaquim, | <p>A ETNOGRAFIA E O FOLCLORE DO BAIXO ALENTEJO, 2ª ed. da Assembleia Distrital de Beja, 1985 (1ªed. separata da Revista Ocidente, Lisboa 1956;</p> <p>A LINGUAGEM POPULAR DO BAIXO ALENTEJO E O DIALECTO BARRANQUENHO (estudo etnofilológico), 2ªed. da Assembleia Distrital de Beja, 1983, 1ªed. do autor, depois de ter sido publicada em artigos no Arquivo de Beja, entre 1948 e 1950.</p> <p>SUBSÍDIO PARA O CANCIONEIRO DO BAIXO ALENTEJO, I E II VOL., 2ªed. do Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1980, 1ªed. Lisboa 1955.</p> <p>ENSAIO MONOGRÁFICO (Histórico, Biográfico, Linguístico e Crítico) acerca de Beja e dos Bejenses mais ilustres, Beja 1973.</p> <p>(Que dizer deste autor e obra? Professor primário, vindo de longe, que se fixou em Beja, estudioso, autodidata, sócio do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, sócio fundador da Sociedade de Língua Portuguesa, !!! revela um incansável e exaustivo trabalho de recolha e investigação, talvez demasiado isolado e incompreendido, com a consciência dos seus limites mas que terá armazenado um "manancial de preciosos elementos" possivelmente irrecuperáveis e que teriam exigido o trabalho de muita gente e de muitos anos de trabalho!!!)</p> |
| DELGADO, Maria Carolina Saramaga | <p>FALAR DE BALEIZÃO (418p), universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa 1970</p> <p>(Uma dissertação para o Curso de Filologia Românica)</p> |
| DIRECÇÃO-GERAL DA EDUCAÇÃO DE ADULTOS, Coordenação Distrital de Beja | <p>LITERATURA POPULAR DO DISTRITO DE BEJA, Ed. Direcção-Geral da Educação de Adultos,</p> <p>Recolha da Coordenação Distrital de Beja, notas e coordenação dos textos por M. Viegas Guerreiro e António Machado Guerreiro, Nota prévia de Abílio Teixeira Raposo, 1986, 340p.</p> <p>(Contos e Lendas, Anedotas, Adivinhas e Provérbios, os Romances, Quadras, As Cantigas e os Versos, Poemetos, As Modas, o Cante a Despique, Lengalengas, Trava-Línguas e Jogos Infantis, Rezas e Benzeduras e ainda um Apêndice com Costumes, Crendices e Medicina Popular, são os títulos dos 12 Capítulos ou divisões destas recolhas... Dá para ter uma ideia do seu conteúdo.)</p> |
| EÇA, Maria Natália Almeida | <p>ROTEIRO ARTESÃO PORTUGUÊS - ALENTEJO - Edição de autor, Porto, 1986</p> <p>(Sem índice ou capítulos fáceis de seguir é no entanto um roteiro</p> |

| | |
|--|---|
| | com muitos desenhos e fotografias, também a cores que vão desde a Casa, o Homem e seu trajar, a Arte Popular nos mais variados materiais e formas, da madeira ao barro, mármore, cortiça e rendas..., Feira de Castro Verde, uma amostragem do Distrito de Évora, do de Portalegre, do de Beja...) |
| FERREIRA, José Gomes e OLIVEIRA, Carlos, | CONTOS TRADICIONAIS PORTUGUESES, I, II, III, IV vol., das Iniciativas Editoriais, especial para a LIVRARIA FIGUEIRINHAS, PORTO, sem data, (1958?) (Esta OBRA podemos considerá-la como que uma oferta saborosa de uma viagem através do maravilhoso que os melhores autores portugueses incluíram em muitas das suas obras...!) |
| FRAZÃO, Fernanda, | LENDAS PORTUGUESAS, I, II, III, IV, V, VI. Amigos do Livro Editores, sem data, (1984?) (A recolha de numerosas LENDAS de todas as regiões de Portugal que servem, pelo menos para informação ou investigação base.) |
| GALLOP, Rodney, | CANTARES DO POVO PORTUGUÊS - Estudo Crítico, Recolha e Comentário, Instituto de Alta Cultura, Lisboa 1960, 2ª ed |
| GALRITO, Francisco Augusto | A VERDADE DA POESIA, Volume I, Outubro de 1993, (Já saiu o II, 1994?), 256p. (252 poemas em que a maioria são décimas o (auto) retrato de um poeta popular e a sua visão crítica de centenas de situações...) |
| GARRETT, João Batista de Almeida, | VIAGENS NA MINHA TERRA, (edições de várias editoras, com ou sem estudos introdutórios); FREI LUÍS DE SOUSA, (várias edições, algumas com notas para orientação de estudos): O ROMANCEIRO, I - Romances da Renascença, Imitações, Reconstruções e Estudos meus sobre o Antigo (é a obra XI, 1852? 1853?, do autor desde a publicação de ADOZINDA em 1828, 2ª ed. em 1843); II - Romances Cavalherescos Antigos de Aventuras, sem referências à História ou sem a ter conhecido, (1ª parte), XXIV exemplar reservado pelo autor, 1852; e III - é a continuação do IIº para este não fazer demasiado volume, (2ª parte), Lisboa, 1851, xxv volume reservado pelo autor, 1852; O IV volume era reservado para o 3º Livro das Lendas e Profecias que não chegou a ser publicado, mas esta Edição de 1983, inclui alguns manuscritos, no III volume; Com organização, fixação do texto, prefácio e notas de Augusto, Mª Helena e Luís Augusto Costa Dias, Editorial Estampa, Lisboa, Novembro de 1983. |

| | |
|---|---|
| | (Cito só estas três obras pelo desafio da 1ª "a tomar o bordão de ROMEIRO e caminhar de novo por esse Portugal fora, à procura de histórias para te contar..." (será agora, a nossa vez?); a 2ª como tentativa mais conseguida de renovar o teatro em Portugal, desde Gil Vicente; e a 3ª por ser mais uma recolha do rico ROMANCEIRO PORTUGUÊS) |
| GIACOMETTI, Michel, com a colaboração de Fernando Lopes Graça, | CANCIONEIRO POPULAR PORTUGUÊS, Edição do Círculo de Leitores, 1981 |
| GRIMM, JAKOB (1785 - 1863), Alemanha, e GRIMM, WILHELM (1786 - 1858), Alemanha. | CONTOS PARA CRIANÇAS E PARA OS SERÕES, 1812, foi o primeiro pequeno volume que os dois irmãos publicaram em 1812 e logo se tornou o livro mais lido universalmente depois da Bíblia. Era a recolha de contos que até aí só eram conhecidos oralmente. entrevistando meticulosamente velhos alemães como camponeses, pastores e outras pessoas, fizeram uma colecção que incluía os contos mais populares como BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES, HANSEL E GRETEL, O PRÍNCIPE RÃ, RAPUNZEL... Ambos estudaram Direito mas cedo se interessaram pelos velhos poemas épicos e lendas alemãs. Primeiro só se interessavam pelo que as histórias revelavam sobre o pensamento e a linguagem do homem primitivo. Um amigo que as leu providenciou pela sua publicação, e foram um êxito devido à sua simplicidade, a vivacidade da narrativa, o triunfo dos simples (anónima "gentinha"), a presença da magia, de encantamento, de animais falantes... Tornaram-se especialistas em Literatura Antiga e Linguística. |
| HERCULANO, Alexandre, | LENDAS E NARRATIVAS, Tomo I e II, Livraria Bertrand, Lisboa, 28ª edição, s.d., (com advertência da 1ªed, s.d., e da 2ª de 1858) (Falar deste trabalho pioneiro, só se tivesse tempo e saber para contar toda a mestria e engenho deste mestre e iniciador da narrativa contemporânea ou da narrativa portuguesa!) |
| Jornal | TERRAS DO CANTE do nº 0 a 13, de Janeiro de 1994 a Março de 1995 |
| KIPLYNG, Rudiard, | SIMPLES CONTES DES COLLINNES, Brodard e Taupin - Imprimeur - Relieur, Le Livre de Poche, Paris, 1965; KIM, Brodard e Taupin - Imprimeur - Relieur, Le Livre de Poche, Paris, 1961 O LIVRO DA SELVA |

| | |
|---|--|
| | <p>O LIVRO DA SELVA (O inglês "da Índia" que ganhou o Prémio Nobel em 1907, pela sua obra e o autor do indispensável "IF", e com os Contos das Colinas nos faz relatos sobre os ingleses na Índia, no tempo da Rainha Vitória, manifestando um raro poder de observação temperado com a malícia brincalhona que leva à ironia. O Livro da Selva, tornou-se o livro fundamental para o movimento do Escutismo, em todo o mundo.)</p> |
| <p>LA FONTAINE, Jean de,(1621 - 1695)</p> | <p>FÁBULAS, 1ª compilação de 1668 (Obra baseada nas FÁBULAS DE ESOPO aproveitadas para através duma desorganizada! reserva de caça ou inconcebível Jardim Zoológico, nos dá um retrato da pedante sociedade francesa do séc. XVII, dedicada ao jovem Delfim, para sua instrução e formação como futuro rei.</p> |
| <p>LAGERLÖF, Selma,</p> | <p>A MARAVILHOSA VIAGEM DE NILS HOLGERSON ATRAVÉS DA SUÉCIA, Editora Educação Nacional de Adolfo Machado, 5ªed., Porto, s.d. HISTÓRIAS MARAVILHOSAS, Editorial Minerva, Lisboa, 1952; O LIVRO DAS LENDAS, Edição dos Livros do Brasil, Lda, s.d. A CARROÇA FANTASMA, Editorial Minerva, 1941 OS SETE PECADOS MORTAIS E OUTROS CONTOS... (As obras da primeira mulher que ganhou o Prémio Nobel da Literatura por todas AS MARAVILHOSAS VIAGENS ATRAVÉS DO MARAVILHOSO que, no dizer desta autora, "...tudo isto é mais real do que eu estar aqui e tu aí" como lhe dizia a sua avó que "...quando morreu e partiu..., é como se tivessem fechado, para sempre, as portas do maravilhoso e do deslumbramento..." Não é verdade, como o prova esta autora, e, mesmo no nosso país e na nossa terra, felizmente!, ainda não se fecharam todas as portas do fascínio!, nem morreram, ainda, todos OS CONTADORES DE HISTÓRIAS nem todos OS VIAJANTES DO MARAVILHOSO!...</p> |
| <p>LANG, AN- DREW (1884 - 1912), Inglaterra</p> | <p>BLUE FAIRY BOOK, 1889 e depois o RED FAIRY BOOK, YELLOW FAIRY BOOK, GREEN FAIRY BOOK, OLIVE FAIRY BOOK, PINK FAIRY BOOK, VIOLET FAIRY BOOK, CRIMSON FAIRY BOOK, TALES FOR GRIMM, IT'S PERFECTLY TRUE AND OTHER STORIES, por HANS CHRISTIAN ANDERSEN... São títulos das imensas colecções que este autor e editor fez de histórias em inglês. Nasceu na Escócia, formou-se em Oxford, foi alguns anos Deão da Universidade e depois dedicou-se mais de quarenta anos à escrita tendo sido um dos maiores escritores do seu</p> |

| | |
|---|---|
| | tempo escrevendo artigos, notícias, crítica literária, poesia e novelas. Todas as coisas do passado fascinavam LANG - a História da Escócia, da França, da Literatura da Grécia Antiga especialmente Homero e, os contos tradicionais que encheram as suas inúmeras colectâneas. Compilou a maior colecção de contos de fadas em língua inglesa. |
| LEÇA, Armando, | MÚSICA POPULAR PORTUGUESA, 1º vol., Colecção Folclore e Pedagogia, Subsidiado pelo Instituto para a Alta Cultura, Editorial Domingos Barreira, s/d |
| LOBATO, Padre João Rodrigues, | AMARELEJA, RUMO · SUA HISTÓRIA, Évora, 1961; ALJUSTREL.....? (que não tive oportunidade de consultar) (Obras e autor que interessa consultar pela investigação e pelas recolhas que tem feito de numerosa documentação sobre valores tradicionais do Alentejo, como contos, lendas, falares, usos, costumes... |
| LOPES GRAÇA, Fernando, | A CANÇÃO POPULAR PORTUGUESA, Col. Saber, Publicações Europa América, Lisboa, Maio de 1974 (2ªed) |
| LÚCIO, Manuel Camacho-recoleu | COZINHA REGIONAL DO BAIXO ALENTEJO, Editorial Presença, 1987 |
| LUZIA, Angela; MAGALHÃES, Isabel; TORRES, Cláudio | MANTAS TRADICIONAIS DO BAIXO ALENTEJO, Caderno Nº1, Campo Arqueológico de Mértola, Ed. da CM Mértola, Abril de 1984, 64p. (Um primeiro caderno que pretende estender-se a outras áreas a que o Campo Arqueológico de Mértola se dedica, é dedicado às tradições artesanais, com desenhos fotografias e estudos de levantamento e inventariação plano de intervenção nas acções de salvaguarda, é um trabalho que vai mais longe do que guardar em museus a nossa memória e tradições...) |
| MACEDO, Adélio Marinho | AS OLARIAS DE BERINGEL, Cadernos de Etnografia, Barcelos, 1968 |
| MACHADO, Francisco Valente | MONOGRAFIA DE VILA VERDE DE FICALHO, ed. da Biblioteca e Museu de Vila Verde de Ficalho, 1980 (Além de todas as preciosidades guardadas nesta obra os caminhos que abre e as pistas que deixa em aberto..., os numerosos trabalhos que publicou e o muito material que tem (tinha?) guardado e correm risco de extravio... é uma obra e um autor a pedir atenção, estudo, divulgação e continuidade. |

| | |
|---|--|
| <p>MANIQUE Luiz de Pina</p> | <p>A ARTE MANUELINA NA ARQUITECTURA DE ALVITO - Impressões e Apontamentos, Lisboa 1949, Ed. em "fac-simile", CM Alvito, Outubro de 1982. ("...Obra que encerra uma importante recolha de valores do rico património arquitectónico da vila de Alvito, fornece um importante e bem documentado estudo das suas raízes e evolução históricas e contém numerosos desenhos inéditos cujo valor artístico e de testemunho merecem, só por si, divulgação."</p> |
| <p>MARQUES, Gentil,</p> | <p>LENDAS DE PORTUGAL, I, II, III, IV, V,, Editorial UNIVERSUS I, em 1962, LENDAS DOS NOMES DAS TERRAS, II, em 1963, LENDAS HERÓICAS, III, em 1964, LENDAS DE MOURAS E MOUROS, IV, em 1965, LENDAS RELIGIOSAS, V, em 1966, LENDAS DE AMOR. (Trabalho que revela um imenso e perseverante trabalho de recolha, estudo e divulgação, desde os já velhos tempos das LENDAS DA NOSSA TERRA, divulgadas em jornais e programas de rádio, e com numerosas notas sobre vocabulário e outros esclarecimentos, a propósito de cada LENDA, revelando algumas uma cuidadosa investigação.)</p> |
| <p>MASSAPINA António Vasco, João Vicente e outros</p> | <p>BEJA - CENTRO HISTÓRICO - PLANO DE SALVAGUARDA E RECUPERAÇÃO, Editado pela FADEPA (Federação das Associações de Defesa do Património Cultural e Natural, com autorização da CMB (Câmara Municipal de Beja), 1981. (Com prefácio do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira; com a concepção geral - arquitectura dos arquitectos António Vasco e João Vicente Massapina, Jorge Costa Martins - arquitecto responsável; História urbana de José Manuel Correia Silva Passos, Lic. Filosofia; Estudos de cor por Isabel Lhansol Massapina, escultura; Estudo Sócio Económico de António Enes Martinho - Lic. Economia, João Enes Martinho - formação de História, Carlos Eugénio Gouveia Pinto - Lic. Economia; Apoio Técnico de Edmundo Gonçalves - Tec. Desenho e Raquel Leite da Costa, Secretariado; e Técnicos da C.M. Beja Maria João Simões George - Arquitecta e José Pedro Lima da Silva, Arquitecto. Um trabalho que se pode chamar precursor, que serviu de modelo a muitos PLANOS de SALVAGUARDA e RECUPERAÇÃO tentando um equilíbrio entre o "abandono conservador" ou a defesa passiva e saudosista do património e evitando os desmandos de um "liberalismo do falso progresso ameaçador".</p> |

| | |
|---|---|
| <p>MATTA, José Avelino da Silva</p> | <p>ANAIS DE MOURA, Biblioteca Municipal, 1980 (Um volume de fotocópias de cerca de duas centenas de páginas, com uma boa encadernação, um trabalho de um Dr. Juiz de 1855. Além dos dados Etnográficos, geográficos, há informações e dados tirados de livros de registos e um belo poema ao Castela e à LENDA da MOURA, da autoria de D. Maria Carlota Sousa Queiroga, de 07/12/1850)</p> |
| <p>MELO, Alberto e BENAVENTE, Ana</p> | <p>EDUCAÇÃO EM PORTUGAL 1974- 1976, com título original EXPÉRIENCES D'ÉDUCATION POPULAIREAU PORTUGAL 1974 - 1976, © by Unesco 1978 e Livros Horizonte, 1978. (Esta obra relata sete experiências diversificadas levadas a cabo nas mais diversas zonas e situações, apoiadas pela DGEP (Direcção-Geral da Educação Permanente) onde Alberto Melo foi Director-Geral de Outubro de 75 a Julho de 76 e Ana Benevente era colaboradora. Cita na Bibliografia, além de outras obras, a brochura COOPERATIVA AGRÍCOLA POPULAR DA TORRE BELA, Aveiras de Cima, Abril de 1976 e não citam os diversos relatórios que os responsáveis do grupo Sócio-Cultural lhes enviou, donde tiraram o título do Capítulo II "Que tudo nasça da base, como tudo nasce da Terra", embora tenham pedido licença, oralmente ao autor, José Raça Gaspar.)</p> |
| <p>MESTRE, Joa- quim Figueira</p> | <p>BEJA - OLHARES SOBRE A CIDADE (130p.) Ed. da Câmara Municipal de Beja, 1991</p> |
| <p>MÜLLER, Adol- fo Simões,</p> | <p>O PRÍNCIPE IMAGINÁRIO E OUTROS CONTOS TRADICIONAIS PORTUGUESES, Distri Editora, 1985.</p> |
| <p>NAVARRO, Modesto</p> | <p>POETAS POPULARES DO ALENTEJO (?) (anos 80?), um trabalho a partir da secretaria de Estado da Cultura ? em finais dos anos 70 (?) em ligação com a Companhia de Teatro Garcia de Resende de Évora..???</p> |
| <p>NAZARÉ, João Ranita,</p> | <p>MÚSICA TRADICIONAL PORTUGUESA - Cantares do Baixo Alentejo - , Biblioteca Breve, Instituto da Cultura Portuguesa, 1979 (1ª ed.) MOMENTOS VOCAIS DO BAIXO ALENTEJO, Cancioneiro da Tradição Oral que inclui disco de pesquisa científica, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986.</p> |

| | |
|---|---|
| NEVES, António da Silva, | BANDARRA, O PROFETA DE TRANCOSO, Publicações Europa América, Lisboa, 1990. (Situando Bandarra no séc. XVI, em plena época dos Descobrimentos, em que Portugal atingia o máximo esplendor e estava aberto à aventura e à divulgação de profundos humanistas, e aberto a temas como religião, filosofia, mudança... e outros caminhos da Ciência e Conhecimento..., o autor apresenta-nos assim BANDARRA "para lá do mito, a grandeza do sofrimento e da renúncia".) |
| NORONHA, Tito | "SÓ ME FALTA COMPETÊNCIA.", POEMAS, -Ed. do Centro Regional de Segurança Social de Beja, 1ªed. 1981, 2ª- 1982, 3ª- 1983, 34p. (Um poeta popular da Aldeia de S. Barnabé, que, como ele diz: "Faço versos quantos quero/ para mim não é ciência!.../ tenho jeito... habilidade/ só me falta a competência."...) |
| NUNES, Olímpio | O POVO CIGANO, Ed. da Livraria Apostolado da Imprensa (AI), Porto, 1981, (464p) (Um trabalho que em 1973 se destinava a ser apresentado como tese de Licenciatura no Curso de Ciências Antropológicas e Etnológicas, e, como não foi necessário, o autor dedicou-lhe mais sete anos de trabalho de campo em investigações e dá-nos a conhecer os ciganos e uma Cultura quase desconhecida entre nós.) |
| OLÍMPIO, Eduardo-tx. LUDGERO, Inácio -Ft. MARTINS, António -arr. grf. | UMA PORTA PARA O ALENTEJO, Edição da As. Municípios do Distrito de Beja, para a Casa do Alentejo, e CM de Aljustrel, Alvito, Avis, Beja, Barrancos, Borba, Castro Verde, Cuba, Ferreira do Alentejo, Grândola, Mértola, Moura, Odemira, Ourique, Serpa, Santiago do Cacém, Sines e Vidigueira, Abril ded 1984. |
| PEDROSO, Consiglieri, | CONTOS POPULARES PORTUGUESES, Ed. Vega, s.d. (1978?) (1º ed.1910) |
| PEREIRA, Pe. Jaime Pinto, | ALEGRIAS POPULARES, Volumes I (Cancioneiro folclórico de Alvoco da serra), Edição do autor? Coimbra 1952; e II (Cancioneiro Folclórico do Concelho de Seia - Beira Alta), edição do Autor?, s/ referência, local e data, com prefácios de 1967. |

| | |
|---|--|
| <p>PERRAULT, Charles,</p> | <p>LES CONTES DE MA MÈRE L'OYE", 1694 CONTES DES TEMPS PASSÉ (1697) (Afinal estamos perante uma LITERATURA INFANTIL? ou perante uma profunda e inesgotável LITERATURA POPULAR TRADICIONAL? Outra pergunta: Quem terá o direito ou a pretensão de dar versão escrita - definitiva - à riqueza sem limites ou barreiras da LITERATURA ORAL? O desastre que terá acontecido com estes e outros autores foi em vez de serem percussores de algo a continuar, terem ficado como "donos definitivos" de algo sempre em movimento, renovação e criatividade!</p> |
| <p>PERRAULT, CHARLES, (1628 - 1703), França.</p> | <p>HISTOIRES OU CONTES DU TEMPS PASSÉ AVEC LES MORALITÉS, 1697 Foi o volume publicado com histórias como por exemplo O GATO DAS BOTAS, O BARBA AZUL, CINDERELA... Foi com certeza o escritor francês que mais contribuiu para a literatura infantil. Nasceu numa importante família, estudou advocacia e foi secretário de Jean Baptiste Colbert, o poderoso ministro das finanças do rei Luís XIV. Após a morte de Colbert, em 1683, dedicou-se à literatura escrevendo ensaios, poemas e as suas memórias.</p> |
| <p>PINHEIRO, J.M. Monarca</p> | <p>CANCIONEIRO D'ÉVORA, Ed. da Comissão executiva das Comemorações do 150º Aniversário do Liceu Nacional de Évora / Escola Secundária André de Gouveia, 1991, 88p. (Poemas e desenhos de José Belém e António Couvinha, que mostram uma viagem pela cidade que é património Mundial.)</p> |
| <p>PINHEIRO, J.M. Monarca, poemas e COUVINHA (Filho), António, desenhos</p> | <p>CIDADE DE AMORES, Ed. de autor/es?, com apoio da CM Évora e Museu de Évora, 1992?, 94p. (40/50 poemas divididos em V partes, com mais de uma dezena de desenhos sugestivos, uma visão de Évora - O Amor e a força telúrica que liga o poeta, o Homem, a Pessoa Humana à sua Terra?)</p> |
| <p>PINTO CORREIA, João David,</p> | <p>ROMANCEIRO TRADICIONAL PORTUGUÊS, apresentação crítica, organização, notas e sugestões para análise literária de João David PINTO-CORREIA, Editorial Comunicação, Lisboa, 1984 (1ª ed). (Obra que começa por tentar dar uma definição do que é o ROMANCE TRADICIONAL, com várias propostas de definição, texto, estrutura, classificação,... Geografia do Romanceiro..., História do Romanceiro..., e Estudos. Tem ainda uma vasta BIBLIOGRAFIA de referências, principal ACTIVA, principal PASSIVA e auxiliar. Além disso apresenta uma longa referência de DISCOGRAFIA por exem-</p> |

| | |
|---|--|
| | <p>plo os 6 discos de Michel Giacometti, com recolhas e estudos de Fernando Lopes Graça; a cassete que acompanha o Cancioneiro Popular Português, ed. Círculo de Leitores, Lisboa, 1981; CANTE DA TERRA, grupo de Cantares do Redondo; POIS CANTÉ, Grupo de Acção Cultural; ROMANCEIRO... ditos por vários, Decca, SLP DS 2022; ROMANCES, realização de Vitorino, Pedro Caldeira Cabral, Janita e Carlos Salomé; e vários de ALMANAQUE, BRIGADA VÍTOR JARA, TERRA A TERRA e TROVANTE...)</p> |
| PIRES, Maria Laura Bettencourt | <p>HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL PORTUGUESA, Editorial Vega Lisboa, s.d. (1987??)</p> <p>(Considero que, por motivos que desconheço uma vez que a HISTÓRIA abrange toda a Literatura Tradicional, esta autora só cometeu um erro no título, que foi o ter-lhe chamado "infantil". Esta obra contém ainda uma vasta Bibliografia sobre Literatura "Infantil" e outra lista de Literatura Tradicional.)</p> |
| POETANAS ALENTEJANOS DO SÉCULO XX | <p>POETAS ALENTEJANOS DO SÉCULO XX - ANTOLOGIA - com Pesquisa Selecção Prefácio e Notas de Francisco Dias da Costa, 1984, 392p.</p> <p>(Um projecto acalentado durante 30 anos e já prepara um II volume e o projecto de mais um Cancioneiro Popular, é o trabalho de Dias da Costa para "dar a conhecer um vasto panorama da poesia alentejana do séc. XX, dando a conhecer muitos nomes dos poetas do Alentejo..." uma galeria 95, uma centena de poetas dos mais conhecidos aos menos conhecidos a fim de "propiciar ao leitor um mínimo contacto com a extensão e aprofundidade da poesia do Alentejo". Um trabalho a abrir caminhos para muitos tesouros da literatura ao Sul do País.)</p> |
| POETAS POPU- LARES ALEN- TEJANOS | <p>HÁ TANTA IDEIA PERDIDA, 1º Encontro - Poetas Populares Alentejanos, Vila Viçosa, Agosto de 1981, 168p., Ed. do Centro Cultural Bento de Jesus Caraça, com o apoio da Câmara Municipal de Vila Viçosa.</p> <p>(32 poetas que participaram neste 1º Encontro, poemas diversos especialmente dedicados a Vila Viçosa e depois ao mote do Encontro "Eu trabalho dia a dia / Àchiva e ao calor / Há tanta ideia perdida / Não há quem lhe dê valor" desenvolvida por todos ou quase. Há pelo menos mais um II volume.)</p> |

| | |
|---|--|
| <p>POETAS Populares do Concelho de Beja</p> | <p>POETAS POPULARES DO CONCELHO DE BEJA, 1987 (ed.1989), Concelhia da DGAE (Direcção-Geral de Apoio e Extensão Educativa), Beja, 200p. (Esta obra partiu de uma recolha que foi sendo elaborada pelos professores encarregados e empenhados na Alfabetização, neste concelho, desde 1979, sob a coordenação do prof. Abílio Teixeira. A organização, introdução e esboço de estudos anexos foi confiada ao prof. José Rabaça Gaspar. Ver a necessidade de um estudo mais aprofundado da DÉCIMAS e da urgente necessidade da criação de um INSTITUTO ALENTEJANO DE CULTURA / DESENVOLVIMENTO.)</p> |
| <p>POETAS POPULARES DO CONCELHO DO ALANDROAL,</p> | <p>CANTADORES DE ALEGRIAS MÁGOAS E MANGAÇÕES, Ed. da CM Alandroal, 1993, 270p. (Com introdução, selecção, correcção de textos e notas de J.M. Monarca Pinheiro, Fotografia da capa e dos poetas de José Manuel Rodrigues, Design e arranjo gráfico de António Carlos Couvinha e Desenho de Vítor Rosa, tem o apoio da Delegação Regional do Alentejo da Secretaria de Estado da Cultura, e abrange poetas populares de Alandroal, Ferreira de Capelins, Juromenha, Santiago Maior e Terena. Obra feita a partir do contacto directo com os poetas contactados porta a porta por todo o concelho de Alandroal de Casas Novas de Mares a Juromenha, numa região onde há Castelos (Alandroal, Juromenha e Terena), a ribeira de Lucefecit (fez-se luz), os vestígios de construções megalíticas, povoados castrejos, restos do templo-santuário dedicado ao deus luso-romano Endovélico, no alto do outeiro de S. Miguel da Mota, Terena; e o santuário de N^{sa} da Boa Nova de Terena, mandado construir pela "formosíssima Maria, filha de D. Afonso IV, pela vitória na Batalha do Salado???... na zona em que o Guadiana faz 60 km. de fronteira com Espanha... uma região onde os cultores da poesia oral-popular têm consciência da suas ligação telúrica a valores e mensagens que de certo modo lhes escapam...)</p> |
| <p>PROJECTO MINERVA, Centro de Apoio Local, Serpa</p> | <p>COMERES DE SERPA, Serpa, 1994, Ed. organizada e coordenada no Centro de Apoio Local de Serpa, Projecto Minerva - ESE de Beja, da Câmara Municipal de Serpa. (A coordenadora deste trabalho é Emília Morais Sarmiento no âmbito do Projecto "O Computador na Escola, a recolha foi dos alunos do 4º ano da EB, 1 de Serpa e dos alunos do 6º ano da Escola Preparatória de Serpa com o apoio técnico do Pólo do Projecto Minerva onde trabalhavam os incansáveis professores Mantinhas e António Grilo cujo nome não aparece!... Receitas que vão das Sopas do Pão, a</p> |

| | |
|-------------------------------|---|
| | Legumes, Peixes, Carnes, Petiscos, Bolos e Doces, arrancadas por estes alunos aos pais e avós... Um trabalho que parece simples e é simplesmente espantoso até no arranjo gráfico! |
| PROPP, Vladimir, | MORPHOLOGIE DU CONTE, (tradução francesa em 1970) (O livro que definiu as funções do CONTO, como característica fundamental dos contos tradicionais que se manteve na tradição oral em diversos lugares e através dos tempos imemoriais...) |
| QUEIROGA, Maria Carlota Sousa | À TORRE DE MOURA. poema de 7p. in ANAIS DE MOURA |
| RAMOS, Francisco Martins, | ALCUNHAS ALENTEJANAS, Estudo Etnográfico, Edição da (ADIM) Associação de Defesa dos Interesses de Monsaraz, Dezembro de 1990. |
| Revista | ÁLBUM ALENTEJANO, uma revista dos anos trinta? há pelo menos uma data de 1937, que foi dedicando números especiais a cada um dos numerosos concelhos ou vários no mesmo volume. |
| Revista | ARQUIVO DE BEJA, alguns volumes desde 1950 |
| Revista | TRADIÇÃO em II volumes, Ed. fac-simile de 1982 pela CM SERPA Trata-se da Monumental obra de 1899 até Junho de 1904, Dirigida por Ladislau Piçarra e M. Dias Nunes e onde colaboraram nomes do final do séc. XIX e início de XX, como o Conde de Ficalho, Ramalho Ortigão, Carolina Michaelis de Vasconcelos, Teófilo Braga, Sousa Viterbo, Leite de Vasconcelos, Trindade Coelho... com imensa documentação sobre o Alentejo e o país. |
| RIBEIRO, Fernando Nunes | PISÕES? O BRONZE MEDIEVAL? |
| RIBEIRO, Orlando | GEOGRAFIA DE PORTUGAL |
| RIDER'S DIGEST | OS MAIS BELOS CONTOS DE FADAS, UMA ANTOLOGIA DO RD, com ilustrações de Fritz Kredel e tradução de Botelho da Silva, Selecções do Rider's Digest, Lisboa, Rio de Janeiro, Nova Iorque, com prefácio de Maria Cimino, antiga bibliotecária da Central Children's |

| | |
|--|--|
| | <p>Room da Biblioteca Pública de Nova Iorque, s/d Uma ANTOLOGIA de 65 CONTOS, provavelmente, como diz Maria Cimino, AS MELHORES HISTÓRIAS PARA TODAS AS GERAÇÕES, Título do prefácio, e inclui como autores e colecionadores dos contos desta antologia: HANS CHRISTIAN ANDERSEN, (1805 - 1875), Dinamarca. JAKOB 1785 - 1863) e WILHELM GRIMM (1786 - 1858), Alemanha. PETER CHRISTIEN ASBJÖRGEN (1812 - 1885) e JÖRGEN ENGERBRETSSEN MOE 1813 -1882), Noruega. CHARLES PERRAULT (1628 - 1703), França. ANDREW LANG (1884 - 1912) (Compilou a maior col. de contos de fadas em língua inglesa), Inglaterra.</p> |
| <p>RODRIGUES, Rosa Helena Moita</p> | <p>ENTRE MARGAÇAS E URTIGAS, (Poesia de 1992) (130p.) Ed, CM Beja, 1992 (POETA POPULAR)</p> |
| <p>ROQUE, Joa- quim (Batista)</p> | <p>ALENTEJO Cem por Cento, Ed. de autor? 1940 (180p)(Muitos dados de Etnografia e recolhas à roda de Peroguarda.) REZAS E BENZEDURAS DO BAIXO ALENTEJO (Possível edição dos anos 50? - pedir mais informações... ao filho professor na Escola Superior de Educação de Portalegre que foi membro do Júri presidido por Maria Margarida Morais, em 15 de Maio de 1995.) (vide na BM de Beja e ou Ferreira do Alentejo)</p> |
| <p>SAINT- EXUPÉRY, An- toine de,</p> | <p>LE PETIT PRINCE, Librairie Gallimard, Paris, 1943 (Mais um livro que em princípio é para crianças ... e, de facto "As pessoas crescidas nunca compreendem nada sozinhas e é fatigante, para as crianças, estar sempre, sempre a dar explicações."!!!, como talvez o VOLE DE NUIT, TERRE DES HOMMES, Librairie Gallimard, Paris, 1939, e o hermético CITADELLE!...Mas para felicidade ou comodidade de todos os "eruditos" este homem nasceu em 1900, foi piloto de guerra, e desapareceu num vôo de reconhecimento em 1944! Por pouco, a guerra acabava antes de morrer! e talvez nem se falasse dele!</p> |
| <p>SANTINHOS, Manuel José (poeta popular),</p> | <p>MEMÓRIA DAS GENTES DO LUGAR, Trabalho de Campo e Tratamento paraeditorial de Vítor Manuel Bastos e Maria Celeste Matias Rodrigues, Edição da Câmara Municipal de Santiago do Cacém, 1991. (Além da originalidade deste poeta popular que se exprime através de quadras, quintilhas, sextilhas e as já tradicionais DÉCIMAS ou</p> |

| | |
|---|--|
| | QUADRAS DE QUARENTA PONTOS, apresenta as pouco conhecidas e difíceis QUADRAS DE SESENTA PONTOS!...) |
| SANTOS Costa, Fernando Jorge dos, | BANDARRA, POETA, PROFETA E SAPATEIRO DE TRANCOSO, Edição Câmara Municipal de Trancoso, 1ª ed., 1990. (Banda Desenhada com o resumo e obra deste sapateiro profeta.) |
| SERRA, João Pavão | FILHOS DA ESTRADA E DO VENTO - CONTOS E FOTOGRAFIAS DE CIGANOS PORTUGUESES, Ed. Assírio e Alvim, 1986 |
| SILVA, Manuel João, | RIQUEZA DOS FALARES REGIONAIS, Recolha feita nos Concelhos de Santiago do Cacém e Sines, Edição da Câmara Municipal de Santiago do Cacém, 1985, (1ªed) |
| SWIFT, Jonathan, | AS VIAGENS DE SAMUEL GULLIVER, publicado em 1726 (Uma obra que desde a existência iluminada do que se convencionou chamar LITERATURA INFANTIL, tem sido divulgado como TAL; e que na época devido à sua ingenuidade e candura e inocente crítica à modelar sociedade inglesa (do tempo!!!) foi proibido em Inglaterra! |
| TAVARES DA SILVA, D.A., | Esboço dum VOCABULÁRIO AGRÍCOLA REGIONAL, Separata dos ANAIS DO INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA, 482 pág.s Vol. XII, Lisboa, 1942 (Um Esboço! do que poderia ser um volumoso Dicionário dos regionalismos e significados diferentes que as palavras têm nas diversas regiões, mesmo na agricultura, e no resto?, com numerosos e desenvolvidos estudos em muitos e variados temas!) |
| TORGA, Miguel, | BICHOS CONTOS DA MONTANHA NOVOS CONTOS DA MONTANHA (Da vasta obra, aqui, cito só estes sem comentários!) |
| TRANCOSO, Gonçalo Fernandes,(1515/20 A 1596?) | CONTOS E HISTÓRIAS DE PROVEITO E EXEMPLO, de 1575 EM DUAS PARTES E MAIS UMA 3ª EM 1596 (Autor que nem sequer se sabe se seria de Trancoso e se teria sido contemporâneo ou conhecido do célebre BANDARRA, soube aproveitar "o abundante filão da tradição oral, influenciado ou? pelos maiores contistas do séc XV, XVI) |

| | |
|---------------------------------------|--|
| <p>TÚLIO ESPANCA</p> | <p>INVENTÁRIO ARTÍSTICO DE PORTUGAL, de 1994 (O do D. de Beja são dois grandes volumes um com Documentos e fotografias e outro praticamente só com citações e referências).</p> |
| <p>VASCONCELO, José Leite de,</p> | <p>ETNOGRAFIA PORTUGUESA, VII volumes c/ dt. div. CONTOS POPULARES E LENDAS, I (1964) e II (1969), por Ordem da Universidade, Coimbra, coord. Alda da Silva Soromenho e Paulo Caratão Soromenho; CANCIONEIRO POPULAR PORTUGUÊS, I, (1975), II, (1979), III, (1983), Por Ordem da Universidade, Coimbra, coordenação de Maria Arminda Zaluar Nunes; ROMANCEIRO PORTUGUÊS, I, (1958), II, (1960), por Ordem da Universidade, Coimbra, com notícia preliminar de Menedez Pidal; TEATRO POPULAR PORTUGUÊS I (Religioso), (1976), II (Profano), (1979), III (Açores), (1974), coordenação e notas de A. Machado Guerreiro, Por Ordem da Universidade, Coimbra. TRADIÇÕES POPULARES DE PORTUGAL, 1ªed.1882, reed. INCM, 2ªED.1986, FILOLOGIA BARRANQUENHA, Apontamentos para o seu Estudo, Fac-simile de 1955, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Outubro de 1981. (Obra enorme e de inestimável valor, publicada devido aos esforços e dedicação dos autores já mencionados e ainda com o apoio do Prof. Manuel Viegas Guerreiro, sob a orientação do Professor Dr. Orlando Ribeiro. Estariam aqui as bases de um exaustivo trabalho de recolha e descoberta dos VALORES DUMA CULTURA NACIONAL, ainda possivelmente viva ou a perder-se irremediavelmente, que seria urgente continuar em cada Região, em cada LUGAR, em cada ESCOLA.</p> |